

ILUSTRAÇÃO

N.º 212 — 9.º ano



D. MIGUEL UNAMUNO

(BUSTO DE VICTORIO MACHO)

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND—Rua Garrett, 73, 75—LISBOA

MINERVA CENTRAL

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

*Depositário das mais importantes livrarias
do país*

Correspondência directa com as
principais casas editoras de ESPANHA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRAFICO "GUEDES"
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES,
SCIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —
Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes
do correio esta tabela anula a anterior

| | MESES | | |
|--|------------------|------------------|--------------------|
| | 3 | 6 | 12 |
| Portugal continental e insular (Registada)..... | 30\$00 32\$40 | 60\$00 64\$80 | 120\$00 129\$60 |
| Ultramar Português (Registada)..... | — | 64\$50 69\$00 | 129\$00 138\$00 |
| Espanha e suas colónias (Registada)..... | — | 64\$50 69\$00 | 129\$00 138\$00 |
| Brasil..... (Registada)..... | — | 67\$00 91\$00 | 134\$00 182\$00 |
| Outros países (Registada)..... | — | 75\$00 99\$00 | 150\$00 198\$00 |

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



*Não sofra mais.
Senhora!*



A mulher de hoje tem a obrigação de
saber que já não são causa de depressão
e mal-estar os incómodos proprios do seu
sexo . . .

. . . Porque deve conhecer a Cafiaspirina
e saber que, sem o menor prejuizo para o
seu organismo, com ela pode suprimir todas
as dôres e recuperar o bem-estar.



Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA



OS MIUDOS pedem mais KELLOGG'S

Eles estão sempre prontos a repetirem Corn Flakes KELLOGG'S. Só ver a frescura destes flocos dentro do pacote é uma tentação. Depois basta um pouco de leite e... aqui está uma refeição principessa para todos.

Não há quem não goste de Corn Flakes KELLOGG'S. O dono da casa que precisa dum bom alimento até ao meio dia. A dona da casa que anda muito atarefada e não tem tempo de cozinhar uma refeição. A miudagem que precisa de uma refeição facilmente digerível ao deitar.

Kellogg's CORN FLAKES



A venda nos bons estabelecimentos - em pacotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:

FIGUEIRA & ALMEIDA
Rua da Madalena, 88
LISBOA

752

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O meu menino

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs.,
ilustrado,
encadernado, 17\$00;
brochado, 12\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

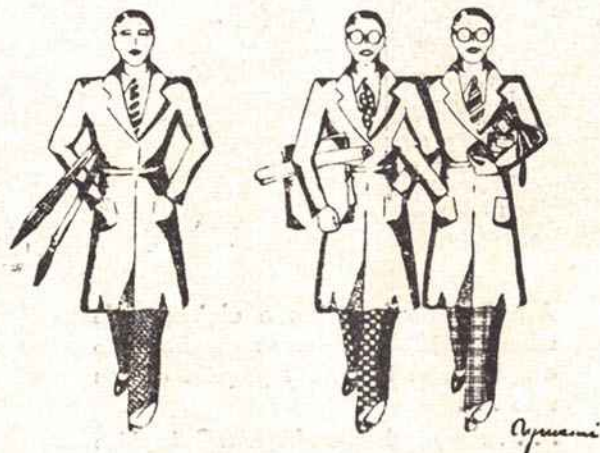
MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

**BERTRAND
IRMÃOS, L. DA**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. 25\$00

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado
6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Um facto de superior relêvo dominou, no mês findo, a política internacional: a entrada da União das Repúblicas Socialistas dos Sovietes na Sociedade das Nações.

A importância desse acontecimento está, não apenas no facto em si, mas nas especiais circunstâncias em que êle se produziu. Com efeito, a Rússia não foi admitida no organismo internacional de Genebra, e, a título permanente, no seu Conselho, em condições que possam reputar-se normais: entrou, a convite supremo da Sociedade das Nações, convite êste expedido sobre a declaração de que a sua admissão era reputada, pelas principais potências europeias, indispensável à paz do Mundo. Quer dizer: considerou-se não apenas necessário, mas urgente, opôr a uma força outra força — opôr a Rússia à Alemanha — o que significa o reconhecimento implícito da importância de ambas.

O futuro dirá se o «perigo alemão» constituía, na verdade, uma realidade política justificativa do acto internacional que se praticou. O futuro dirá, também, se a convivência da Rússia na S. das N. é praticamente possível; isto é, se a mentalidade dos Sovietes em matéria de política internacional se modifica tão sensivelmente, que seja lícito esperar da Rússia atitudes diferentes daquelas que até hoje têm caracterizado a sua acção diplomática, tendente, tóda ela, à propaganda da revolução universal. Se os homens que dirigem a política do Mundo tomaram a responsabilidade de um acto político como êste, susceptível de produzir conseqüências inesperadas e desagradáveis, é porque se encontram na posse de elementos de informação e de apreciação que os levaram a aceitar um mal, decerto, para evitar outro mal maior.

O homem a quem especialmente se deveu a acção política de persuasão e de sugestão que tornou possível a admissão da Rússia na Sociedade das Nações — acção admirável de inteligência e de tenacidade — não foi qualquer político das esquerdas, nem mesmo foi qualquer estadista moço, imprudente ou inexperiente. Êsse homem, cuja perda a França enlutada nesta hora grave chora dolorosamente, foi Barthou, uma das mais altas figuras intelectuais de que se orgulha a França contemporânea, membro da Academia, estadista insigne e experimentado cujos cabelos embranqueceram no exercício das mais elevadas magistraturas,

A admissão da Rússia na S. D. N.

espírito estruturalmente conservador que, no quadro da política francesa, tem ocupado sempre as extremas direitas. Se um homem dessa envergadura e dessa responsabilidade julgou, não apenas oportuna, mas indispensável a entrada dos Sovietes em Genebra, constituindo-se *leader* do movimento que a tornou possível, é porque fortes razões de ordem política lhe apresentaram semelhante solução como necessária à paz mundial.

A tarefa do sr. Barthou não foi, porém,

de Honra, figura de superior relêvo, que a uma sólida formação jurídica alia qualidades invulgas de diplomata. A Sua Ex.^a competia, de acôrdo com o govêrno, definir a posição de Portugal nessa emergência difícil, posição na verdade delicada, porque se impunha a necessidade de, sem prejuízo da política julgada pelas grandes nações indispensável à permanência da paz, manter a coerência da nossa atitude como país que não reconhecera nem tencionava reconhecer as instituições soviéticas.

Do voto de Portugal na Assembleia não resultaria inconveniente de maior, porque o sr. Barthou e os seus colaboradores já tinham assegurada uma considerável maioria de votos favorável á admissão da Rússia na organização internacional de Genebra. Mas Portugal tem hoje um lugar no Conselho; e ao Conselho competia pronunciar-se acêrca de uma condição essencial para a entrada dos soviets na Sociedade das Nações, qual era a da criação de mais um lugar permanente no mesmo Conselho, a que a Rússia se julgava com direito como nação de extensa influência europeia e asiática. Sendo certo que, neste organismo dirigente, só as votações unânimes são válidas, o voto contrário de Portugal representaria, praticamente, a anulação da política de atracção soviética, considerada pela França, pela Grã-Bretanha e pela Itália, como única conducente, neste momento, a assegurar os benefícios da paz universal.

O sr. dr. Caeiro da Mata e o govêrno português viram com perfeita lucidez o problema, e souberam conciliar a dignidade da nossa posição nacional com os superiores interesses internacionais em jôgo. Portugal votou na Assembleia, contra a admissão da Rússia, coerentemente com a sua política de Nação que ainda não julgou oportuno o reconhecimento da União Soviética: e marcada essa atitude, absteve-se de votar no Conselho, não prejudicando assim, nem a sua coerência, nem a solução política internacional adoptada pelas grandes potências.

Semelhante procedimento, ao mesmo tempo corajoso e prudente, desassombrado e conciliador, produziu nos meios internacionais a melhor impressão; e o discurso notável com que o sr. dr. Caeiro da Mata, justificou o voto de Portugal na Assembleia e a sua abstenção no Conselho, pode considerar-se, quer sob o ponto de vista jurídico, quer sob os seus aspectos político e diplomático, uma peça modelar.



DOUTOR CAEIRO DA MATA

fácil. Muitos dos países que deviam pronunciar-se acêrca do convite a dirigir à Rússia, não tinham reconhecido ainda a União das Repúblicas Socialistas dos Sovietes; e não faria evidentemente sentido que votassem a admissão, como membro da S. das N., de um país cuja ordem política não haviam julgado conveniente ou oportuno reconhecer.

Um desses países era Portugal, representado, não apenas na Assembléa, mas também no Conselho, pelo seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. dr. Caeiro da Mata, homem de Estado eminente, académico, reitor e professor da Universidade de Lisboa, grã-cruz da Legião

No dia 5 de Outubro de 1385, a quasi dois meses da batalha de Aljubarrota, Nuno Alvares

Pereira ganhou a famosa batalha de Valverde, em território espanhol, nas margens do Guadiana. O rei D. João I, cada vez mais

confiado no valor do Condestável, ordenou-lhe que avançasse sobre a provincia do Alentejo, de que continuava a ser fronteiro, e que fizesse o que pudesse. Nun'Alvares tinha manifestado já o seu desejo de mostrar as suas proezas. A permanência na defensiva não quadrava com o seu ardor combativo. Se os castelhanos tinham levado o seu osio a invadir Portugal até às proximidades de Leiria, seria justo pagar-lhe na mesma moeda, isto é, invasão com invasão. Quando entrou na fronteira de Badajoz, Nuno Alvares levava um exército constituído por mil lanças, dois mil peões e alguns bêteiros que protegiam os flancos da audaciosa columna. Era pouca gente, em boa verdade, para enfrentar as hostes castelhanas cinco vezes mais numerosas que as portuguesas, e, como se isto não bastasse, muito mais bem armadas.

Chegando a Villa Garcia, as tropas lusitanas acamparam e, pouco depois, appareceu um arauto do mestre de Santiago, D. Pedro Muñoz, que era portador dum molho de varas.

— Senhor Condestabre — lhe disse o arauto, pondo-se de joelhos — o meu senhor D. Pedro Muñoz, ouvindo dizer que vos encontráis na sua terra, e nela fazeis muito mal e estrago, manda desafiar-vos e, como sinal, vos envia estas varas.

E, dizendo, isto, soltou o mólho, e foi entregando as varas, uma a uma;

— Esta vos manda D. Pedro Muñoz; esta, o conde de Niebla, D. Juan Alfonso de Guzmán; esta o mestre de Calatrava, D. Gonzalo Muñoz de Guzman...

E assim lhas foi entregando tódas. Nun'Alvares ficou tão satisfeito com o desafio que mandou dar cem dobras ao arauto com gratificação, recomendando-lhe:

— «Dizei ao mestre, meu senhor e meu amigo, e aos senhores que com elle são, que lhes agradeço muito as suas desafiações, e que muito mais lhes agradeço as varas que me mandaram com que os entendo todos ir castigar».

Pouco depois, feriu-se a batalha nos campos de Valverde. D. Pedro Muñoz, mestre de Santiago avançava com muitas tropas. Nun'Alvares recebeu-os condignamente, conseguindo romper, num esforço titânico, as hostes inimigas.

5 de Outubro de 1385

Neste dia, Nun'Alvares venceu a famosa batalha de Valverde

Estabeleceu-se a confusão. Os soldados do mestre de Santiago começaram a fugir, cada um para seu lado.

Pedro Muñoz, tomado de desespero, quis dar um último exemplo à sua gente. Se não lhe fôra

glorioso, encimando as cabeças doutras personagens de categoria. Foi então que os castelhanos, sentindo-se

perdidos debandaram em grande aflicção, afogando-se grande parte no rio Guadiana.

Diz o cronista que o Condestabre, vendo

seus inimigos fugidos e derramados daquele jeito, mandou aos seus que lhe fôsem no encalço, indo elle próprio à sua frente. Como começava a anoitecer, Nun'Alvares tornou ao arraial e deu graças a Deus que, na terra dos seus inimigos, tamanha vitória lhe concedera.

No dia seguinte, voltou a Portugal. Chegou a Elvas com avultado número de prisioneiros e grandes rebanhos de gado que os iam repartindo entre si como melhor lhes convinha.

As varas enviadas a Nun'Alvares em sinal de desafio tornavam a ter utilidade. Depois de terem servido para vergastar os orgulhosos fidalgos andaluzes, passavam a ser utilizadas na condução do grado apañado no saque.

Dessa retumbante vitória, ainda hoje se fala e, portanto, o dia 5 de Outubro de 1385 não pode ficar esquecido.

Quando essa dinastia gloriosa, que Nun'Alvares defendeu tão heroicamente terminou afogada em sangue, nos areais de Alcácer-Kebir, Filipe II visionou a maneira de vingar os seus antepassados.

E, desde então, não houve mais dinastias em Portugal. O último rei cavaleiro succumbiu, crivado de golpes, nas inóspitas terras africanas.

O dia 5 de Outubro volta a ser festejado pela implantação da República em Portugal. Quinhentos e quarenta e nove anos fizeram esquecer o feito heróico do grande Condestável de D. João I, talvez o maior audacioso e temerário, pois foi realizado em terra estrangeira. Se, no dizer de Pombal, «cada um em sua casa pode tanto que mesmo depois de morto são preciso quatro para o tirarem dela para fora», Nun'Alvares foi sósinho a casa dos seus inimigos que, segundo os próprios cronistas espanhóis eram na proporção de dez para cada um português. Aljubarrota constituiu uma grande vitória, uma estrondosa vitória. Mas,

Valverde foi mais heróica mais retumbante.

Por isso a recordamos no seu 549.º aniversário.

E não podemos esquecer que o Santo Condestável, ao envergar o hábito de burel, nunca deixou de ajustar o arnez ao seu peito forte talvez para dominar mais facilmente os ímpetos do seu coração.



Imagem do beato Nuno de Santa Maria num dos principaes altares da igreja de Santo António dos Portuguezes, em Roma, unico altar em que, fora de Portugal, se venera o Santo Condestavel

possível vencer, saberia morrer como bom cavaleiro que se presava. Num derradeiro apêlo aos seus, atirou-se sobre as tropas portuguesas que, aos primeiros golpes, lhe mataram o cavallo. O cavaleiro, enleado nos estribos, tentou ainda um supremo esforço. Era tarde. Um golpe de lança arrancou-lhe a vida.

Nun'Alvares mandou que lhe fôsse cortada a cabeça que seguiria para Portugal como trofeu

O incêndio do palácio de Queluz foi desejado pelos críticos de arte da época de D. Pedro III

A RDEU o palácio de Queluz tão celebrado por ter sido residência da família heterogénea de D. João VI e em face de tão lamentável desastre todo o país se confrangeu.

Em boa verdade, foi pena que as chamadas não respeitassem esse precioso museu de recordações do agitado período das lutas liberais. Pode ser reconstruído o palácio de Queluz — o «Versalhes português» como já lhe chamaram — mas não conseguirão restaurar nunca o seu inteiro valôr histórico, autentico evocador.

Foi pena, francamente.

E, no entanto, — como o Tempo, que é o pai dos prodígios, faz mudar as opiniões! — o incêndio deste palácio já foi ardentemente desejado logo após a sua construção começada no fatídico ano do terremoto que deitou abaixo a cidade de Lisboa. Os devotados paladinos das verdadeiras preciosidades artísticas sentiram até uma certa máguia ao saber que o arquitecto escolhido por D. Pedro III para fazer o risco e dirigir a obra de construção do palácio de Queluz não tinha morrido entre os escombros da pavorosa fatalidade de 1755.

O marido da rainha D. Maria I lembrou-se de fundar os seus paços, não se poupando a despesas para que tivessem a magnificência inerente ao orgulho do opulento senhor da riquíssima Casa do Infante.

Errou apenas em ter chamado o maior Mateus Vicente de Oliveira, mau arquitecto que não soube corresponder aos desejos e à liberalidade dum príncipe em cujas veias corria o sangue de D. João V.

Inácio de Vilhena Barbosa, diz com tóda a sua competência, no «Universo Pittoresco» (T. III, pág. 81) as seguintes verdades duras como punhos:

«Não era Mateus Vicente inteiramente destituído de habilidade. Encontram-se nas obras algumas partes boas, mas, a par destas aparecem enormes defeitos, filhos, quasi todos, da mesquinhez do seu génio. Poucos arquitectos têm tido, como êste, a felicidade de encontrar príncipes poderosos, que se encarreguem de levantar magníficas fábricas, abrindo-lhes seus cofres, e dando-lhes largas liberdades ao seu engenho; porém não soube Mateus Vicente aproveitar-se de tão grandes vantagens, que a sorte lhe oferecia, para deixar à posteridade monumentos que eternizassem seu nome. Mesquinho nos traços que fez para a igreja do Santíssimo Coração de Jesus, e para a de Santo António da Sé, aquela, fundação da rainha D. Maria I, e esta, fábrica de el-rei D. Pedro III, aquele arquitecto não foi menos mesquinho na parte que construiu do real palácio de Queluz. Sucederam a Mateus Vicente os arquitectos Jean Baptiste Robillon e Inácio de Oliveira Bernardes, o primeiro dos quais delineou tódas as decorações dos jardins. Resultou disto ficar irregular, e no todo falto de simetria, o que acontece

aos edificios que têm mais de um arquitecto.»

O local escolhido para a construção era magnífico, embora espíritos supersticiosos agoirassem tão belo empreendimento.

O primitivo edificio pertencera aos marqueses de Castelo Rodrigo que, sendo considerados traidores à Pátria pela amizade à dinastia dos Felipes, sofreram confiscações de bens e foram buscar a compensação, além-fronteira, nas honrarias de grandes de Espanha e conselheiros de Estado, chegando a ser príncipes e vice-reis.

Se o marquês de Pombal, após a execução dos Tavoras, fez salgar o local maldito, ordenando que nunca mais ali fôsse levantada construção de espécie alguma, que bizarra inspiração levou D. Pedro III a escolher aquele sítio amaldiçoado?

Apesar dos agoiros, a construção fez-se. Não parecia má com as fachadas diferentes dos seus pavilhões cada uma de diverso feitio e ornatos diferentes. Tendo os antigos paços da Ajuda sido destruídos por um incêndio, foi a família real habitar o palácio de Queluz. D. Pedro III, dando largas ao seu espírito dissipador, costumava organizar ali festas deslumbradoras nos dias de S. João e S. Pedro.

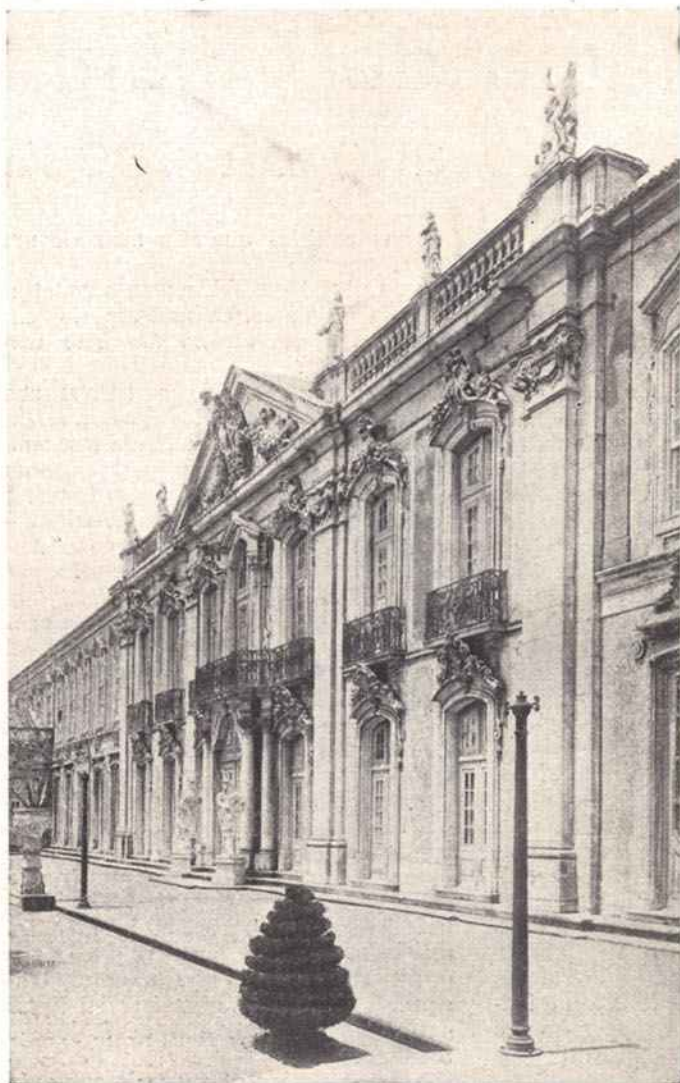
Eis uma noticia da época:

«No dia 24 de Junho (1769), em que se festeja S. João Baptista, deo o Senhor Rei D. Pedro uma grande funcção em Queluz. Começou por combate de touros, a que se seguiu uma grande cêa, em

Um curioso aspecto do incêndio

(Foto amavelmente cedida pelo distinto fotógrafo amador, sr. F. S. Costeiro.)





A fachada «de cerimonia»,
frente ao Jardim

pelas preciosidades que encerrava, foi pena que tivesse ardidado uma grande parte do palácio de Queluz.

Arderam a Sala da Tocha e a Sala dos Archeiros que ficavam a meio da fachada que dá para o jardim principal; a Sala das Talhas ou dos Embaixadores, revestida de espelhos, pavimentada de ladrilhos brancos e azuis formando xadrez e decorada no tecto com uma magnifica pintura que representava um concerto na cõrte de D. José; a Sala do Conselho de Estado por onde passaram algumas das mais notaveis figuras de dois séculos de História; a Sala do Toucador da Rainha com uma infinidade de cupidos a brincar com espelhos que parecem reflectir a alma ardente e tão discutida da época de D. João VI. Era ali que D. Car-

lota Joaquina dava as suas audiências íntimas, e depois passou a ser o quarto em que D. Miguel dormia e congeminava as suas conspirações contra o pai; o quarto de dormir da rainha com o leito onde ela sonhou e morreu sob o afago simbólico de duas pombas de prata que se bicavam num beijo; a Sala de D. Quixote que foi onde morreu D. Pedro IV, recinto amplo sustentado por oito colunas e encimado por um tecto decorado por deliciosas pinturas; o admirável busto de cêra de D. João VI; a Sala das Merendas com os seus preciosos paineis, e uma infinidade de preciosidades que o fôgo não respeitou.

Tudo isto se perdeu — e foi pena.

Pediu-se já, segundo correu, a reconstrução do Paácio, não do histórico Paácio de Queluz que nos lembrava a traição do fidalgo vendido a Castela, seu primeiro dono; não do ninho de conspirações tenebrosas que D. Carlota Joaquina urdia com o seu bem amado filho D. Miguel; não do berço e local de morte de D. Pedro IV, o malogrado soberano que aos trinta e seis anos se finou, vitimado por uma doença vulgar, segundo uns, e por uma laranja envenenada, segundo outros; não do sitio de folguedos dos dois últimos reis de Portugal que ali passaram os melhores dias da sua vida; não a restauração de recordações que se evolveram por entre rolos de fumo, mas a construção duma casa que possa ter alguma utilidade, visto que um montão de ruínas para nada serve.

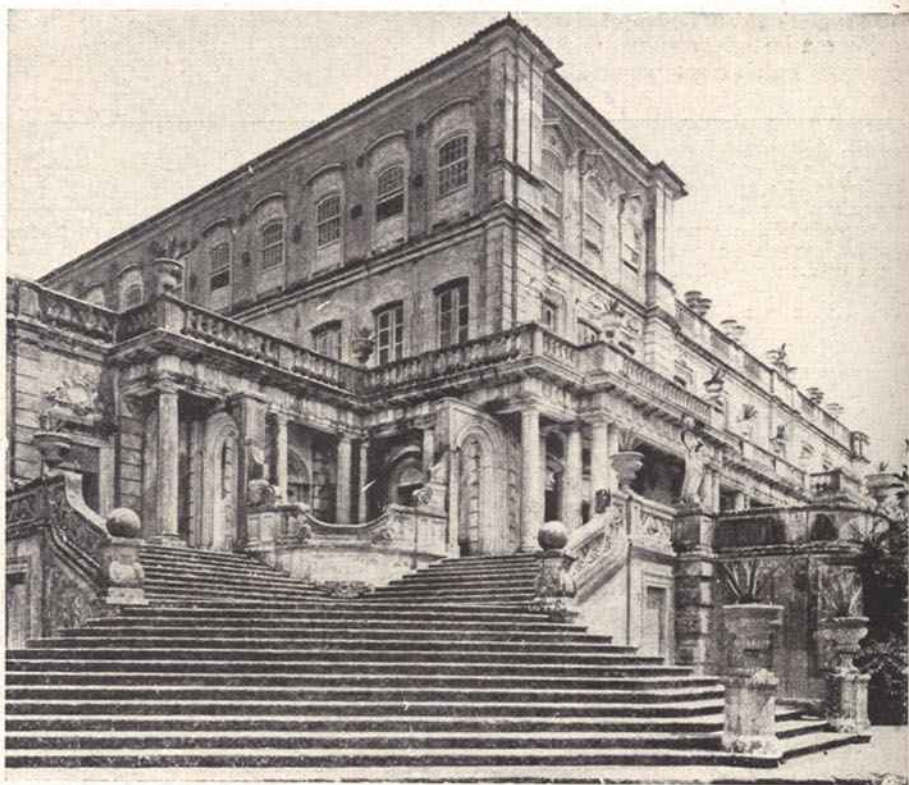
Agora, preguntamos: a ser reconstruido o palácio de Queluz, será seguido o risco do architecto Mateus Vicente, a que os entendedores de arte do seu tempo não deitaram fôgo porque não o apanharam a jeito?

que D. Luiz da Cunha fez as honras aos Ministros Estrangeiros; houve concerto de musica, onde cantaram a Rainha, a Princesa do Brazil, e as Senhoras Infantas; Opera, grande fogo de artificio e illuminação. No dia de S. Pedro deo o mesmo Senhor tambem em Queluz igual função á do dia 24».

Quando Junot nos veio visitar em pé de guerra e se arvorou em regente de Portugal em nome do imperador da França, contando que Napoleão viesse a Lisboa, destinou-lhe para sua residencia os paços de Queluz que, em sua opinião, eram «os únicos dignos de oferecer agasalho ao conquistador de quasi toda a Europa».

Em 1821, tendo D. João VI regressado do Brasil, foi residir com toda a sua família no Palácio de Queluz. Como não se desse bem na companhia de sua esposa, D. Carlota Joaquina, mudou-se para o paço da Bemposta. A rainha ficou em Queluz e ali morou até morrer. Este palácio foi também a habitação predilecta de D. Miguel e também de seu irmão D. Pedro IV que ali nasceu e, após as guerras liberais, escolheu para lugar de repouso. O Rei-Soldado entrou no palácio de Queluz no dia 11 de Setembro de 1834, vindo a morrer 13 dias depois, no próprio leito em que nascera.

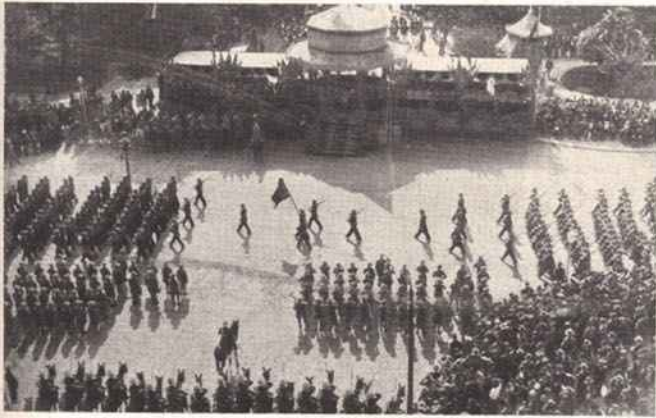
Por tudo isto que nos evoca, e ainda



Escadaria dos leões e colunata da fachada lateral

FIGURAS E FACTOS

As comemorações do 24.º aniversário da Republica



A República Portuguesa têm 24 anos de existencia, 24 anos feitos no dia 5. A comemoração desta data festiva revestiu, como nos anos anteriores, grande solemnidade oficial. Além da pedosa romagem aos túmulos dos heróis e mártires da Revolução, destacou-se a imponente parada militar. Perante o Chefe do Estado desfilaram na Avenida da Liberdade 6 mil homens do Exército de Terra e Mar. São dois aspectos dessas brilhantes cerimónias que as nossas gravuras representam.

Se o povo não saiu à rua em manifestações ruidosas e entusiásticas como noutros tempos, não foi porque tivesse perdido a confiança no Regime que proclamou em 5 de Outubro. É que os anos vão correndo e as multições vão modificando os seus hábitos e as maneiras de exteriorisar os seus entusiasmos. No entanto, sente-se bem que o povo continua a amar a República com a fé de sempre e confia ardentemente nos seus destinos.

Dr. Trindade Coelho



No dia 8 do corrente mês, e após doloroso sofrimento faleceu em Sintra o sr. dr. Trindade Coelho, ilustre diplomata e antigo jornalista que conquistou um lugar de destaque nas lides da imprensa diária.

Amazonas e cavaleiros no Estoril



Os vencedores das provas hípicas efectuadas no campo da Sociedade da Costa do Sol, D. Fernanda Delfeuse, D. Buceta Martins, D. Maria Júlia Ribeiro, Ivens Ferraz, José Beltrão, Oliveira Reis, Costa Pina e Carlos Botelho no momento da entrega dos prémios a que presidiu o general sr. Vieira da Rocha. Nestas provas brilharam as Amazonas como nos tempos de Hipólita invasora da Ática ou de Antiope que deu que fazer ao valoroso Teseu. Quem viu estas interessantes provas ficou com a convicção plena de que a «arte de bem cavalgar em toda a sela» tão nossa que até um rei se deu ao trabalho de aprender um método sobre ela, honra cada vez mais a nossa terra. E, como se não bastasse o entusiasmo masculino, as jovens amazonas contribuem também para o seu pleno luzimento.

Reinaldo Ferreira



Éis novamente o «Repórter X», tão popular no jornalismo português, que vai lançar um novo semanário de grandes reportagens intitulado X, ao qual deve estar destinado um grande êxito.

O regresso do sr. ministro dos Estrangeiros a Portugal



O sr. dr. Caetano da Mata no momento de desembarcar na estação do Rocio, rodeado pela multidão de amigos e admiradores que foram prestar-lhe homenagem pela maneira patriótica e desasomburada com que desempenhou o seu cargo de representante de Portugal junto da Sociedade das Nações. O eminente estadista foi alvo duma carinhosa manifestação que bem mereceu. Da sua alta competência diplomática avaliaram os delegados dos países representados em Genebra; do seu patriotismo avaliou Portugal que viu mais uma vez marcada perante o Mundo uma atitude que o dignifica e enobrece.

O atentado de Marselha

e as graves conseqüências que pode trazer

No dia 9 do corrente, quando o rei Alexandre da Jugo-Eslávia desembarcava em Marselha foi assassinado a tiro por um terrorista macedônio que há dias se encontrava em França a preparar o monstruoso golpe. Barthou, ministro dos Negócios Estrangeiros da França, que, por dever do cargo, acompanhava o soberano, sucumbiu também aos ferimentos recebidos. Das conseqüências deste atentado não é fácil avaliar por enquanto.

Segundo as investigações policiais, parece depreender-se que o tenebroso plano havia sido urdido por terroristas dos territórios anexados à antiga Sérvia e que desde há muito procuram libertar-se do jugo imposto pelos tratados originados na Grande Guerra. Trata-se, ao que parece, do efeito duma convulsão latente no seio croata ou esloveno, cujo vômito de sangue, tanto poderia ser cuspidor em Marselha, como em Roma, em Belgrado ou em qualquer outro ponto do mundo.

No entanto, surgem as complicações, e os povos agitam-se impulsionados por uma força maléfica e misteriosa que vai organizando manifestações contra a Itália, a Alemanha, a Hungria e outros países. Daí a farsa que, à semelhança da de Serajevo, pode incendiar o mundo inteiro.

Os fomentadores de tumultos fazem lembrar os salteadores que aproveitam as grandes catástrofes para realizar o saque mais impudente e mais à sua vontade.

Devemos ter em conta que a visita do rei Alexandre a França era considerada a mais importante de todas as visitas de chefes do Estado após a Grande Guerra. Do seu resultado poderia depender o futuro político da Europa. A supremacia política da França estava em jogo, adivinhando-se as intenções de isolar a Alemanha politicamente. O rei Alexandre estaria três dias em Paris e, depois de lançados os alicerces para a fundação duma aliança, Barthou seguiria para Roma, afim de conferenciar com Mussolini. Estas visitas estavam tão intimamente ligadas que se percebia nitidamente que a França tinha o máximo empenho em aplanar as dificuldades existentes entre as relações italo-jugo-eslavas, evi-

para não ferir a retina ciumenta da Jugo-Eslávia sua vizinha e rival.

O rei Alexandre, desfazendo qualquer equívoco, faria ver que não era sua intenção impedir a expansão italiana. Não haveria, portanto, razões para animosidades. Mas a simpatia da Jugo-Eslávia pela Alemanha desde que esta começou a cortejá-la mais abertamente, passava a constituir uma ameaça para antigas relações serbo-francesas. Havia ainda outro perigo a evitar: a influência que a Itália parecia desejar manter na Austria e que o rei Alexandre não via com bons olhos. Barthou iria a Roma terminar essa grande partida de xadrez político no complicado tabuleiro da Europa.

Entretanto, a Sociedade das Nações procurava pacificar o mundo. A Jugo-Eslávia reataria finalmente relações com a Rússia? Não parecia provável. O exército jugo-eslavo estava salpicado de antigos oficiais tzaristas que, após a revolução bolchevista, tinham ido oferecer os seus



O rei Alexandre I da Jugo-Eslávia

fazer desencadear uma catástrofe irreparável. Serajevo foi assim, pouco mais ou menos...

A Jugo-Eslávia tem agora no trono uma criança de 11 anos guiada por uma regência de homens de boa vontade, mas que podem discordar do plano político do soberano assassinado. Era conhecida a tenacidade do rei Alexandre, um soberano que a força das circunstâncias tinham transformado em soldado. Estudou muito e protegeu com entusiasmo todos os centros de ensino. Os intelectuais encontraram sempre o seu apoio. A sua biblioteca continha mais de 30 mil volumes. Era um trabalhador infatigável. Levantava-se às 6 horas, obrigando ao mesmo regime sua mulher e filhos. Às 8 horas recebia os secretários e examinava os trabalhos de que os encarregara na véspera, até ao meio dia. Do meio dia até às 14 horas dava audiência, e seguia então a almoçar. Todos os assuntos de política estrangeira eram estudados durante a tarde. Quando surgia algum problema difícil, ia com os seus ministros ou com os representantes das potências estrangeiras para os bosques do palácio.

Ao domingo a vida do soberano mudava completamente. O rei-ditador o bravo que se batera heróicamente à frente do seu exército e que mantinha com uma disciplina férrea a difícil unidade dum reino povoado pelas raças diversas, abandonava a sua rigidez para abrir os braços aos seus três filhos. O mais velho, que acaba de ser proclamado rei, era o chefe das organizações das juventudes — os «Sokols». Tem onze anos. O seu pai queria habituá-lo desde princípio à arte difícil de manter a disciplina.

Era esta a vida dura e singela dum rei-ditador em pleno século xx. Sobre um só homem pesavam o trabalho e a responsabilidade que noutros países é repartida por várias entidades.

Ao pequeno rei Pedro esperam-no seguramente dias difíceis.

E então serão conhecidas as conseqüências do atentado de Marselha.



Rei Alexandre e Barthou numa entrevista em que se tratou da paz europeia

serviços ao governo de Belgrado que os acolheu com o maior carinho. Perante tais complicações, quando seria ouvida em todo o mundo a abertura sinfônica da perfeita harmonia?

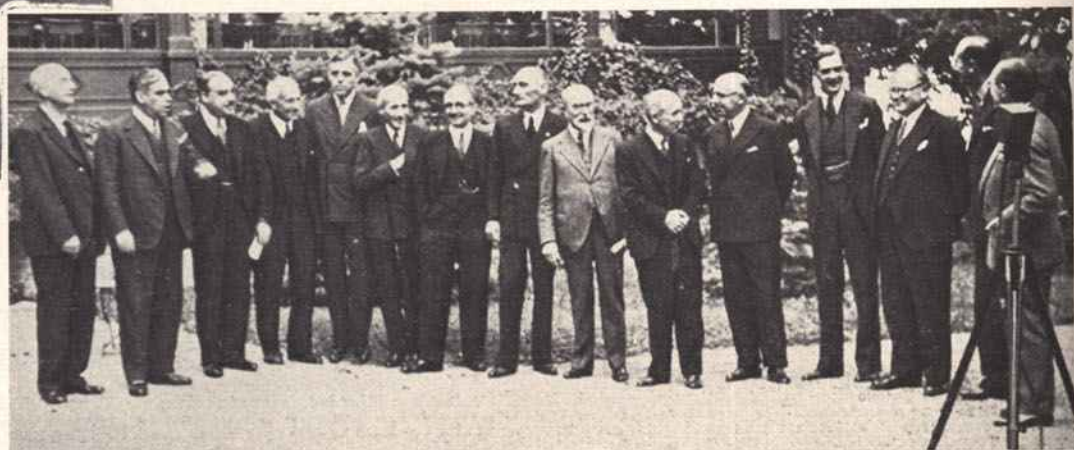
A Jugo-Eslávia pretendia ser considerada uma grande potência, digna de emparceirar com os grandes colossos. Por sua vez, a Polónia, não lhe querendo ficar atrás, queria subir de categoria e deixar de ser uma potência de segunda ordem.

Barthou, o grande animador do concerto europeu, regressara de Genebra onde conseguira levar à frente a recepção afectuosa à Rússia, organizara hábilmente o plebiscito do Sarre, aplanara em princípio as dificuldades da Pequena Entente e dirigira-se a Marselha a dar as boas vindas ao soberano jugo-eslavo. Nisto, o desvairamento dum fanático efectua o bárbaro atentado, cujas conseqüências ninguém pode prever, mas que podem



tando assim um agravamento que poderia ser fatal. Em resumo, o plano da França teria por base separar a Itália da Alemanha e permutar com a primeira uma forte amizade, embora aparentemente moderada

Barthou por ocasião da Grande Guerra — Ao fundo: o último conselho da Sociedade das Nações em que se vêem o ar. Caetano da Mata, Barthou e Litvinov



OS GRANDES TRANSATLANTICOS

podem, em caso de guerra, ser transformados em navios porta-aviões?

No dia 20 do mês findo, foi lançado à água nos estaleiros do Clydebank em Inglaterra o gigantesco paquete da «Cunard» que durante muito tempo foi conhecido pelo «534», número de registo da construção. Presidiu a essa cerimónia a Rainha de Inglaterra que baptizou o novo transatlântico com o nome de «Queen Mary».

O «Queen Mary» e o «Normandie», outro grande transatlântico cuja construção se está ultimando nos estaleiros franceses de Saint Nazaire, disputam entre si o título de «o maior navio do mundo». A qual deles deve a designação ser atribuída?

Não é fácil dizê-lo. A determinação da tonelagem dum barco é tarefa tão complexa que as suas características reais só se conhecem depois de concluída a sua construção. Digamos, a título de referência, que o projecto inicial do «Queen Mary» tinha em vista um barco com 75.000 toneladas. Contudo, no ano seguinte a França deliberou aumentar para 75.000 toneladas o «Normandie» cuja construção já tinha começado. Isso não impediu porém que quando este foi lançado ao mar o «Lloyd's Register» lhe atribuisse apenas uma tonelagem aproximada de 68.000 toneladas. O caso provocou viva controvérsia e a partir dessa data aquele organismo britânico considerou mais sensato não mencionar o barco francês nos seus registos. A questão ficou, portanto, de pé e tudo o que se sabe é que ambos oscilam à volta das 75.000 toneladas com um comprimento de 312 metros da proa à popa.

Desenho representando uma fase da construção do «Queen Mary». Note-se o vastíssimo convés que, em caso de necessidade, poderá ser transformado em plataforma para a descolagem e aterragem de aviões.

Qualquer destes barcos vem exceder largamente os que agora se encontram ao serviço. Assim, o

«Majestic» actual detentor do «record» da tonelagem têm apenas 56.621 toneladas e será superado em cerca de 20.000 por qualquer dos dois novos transatlânticos.

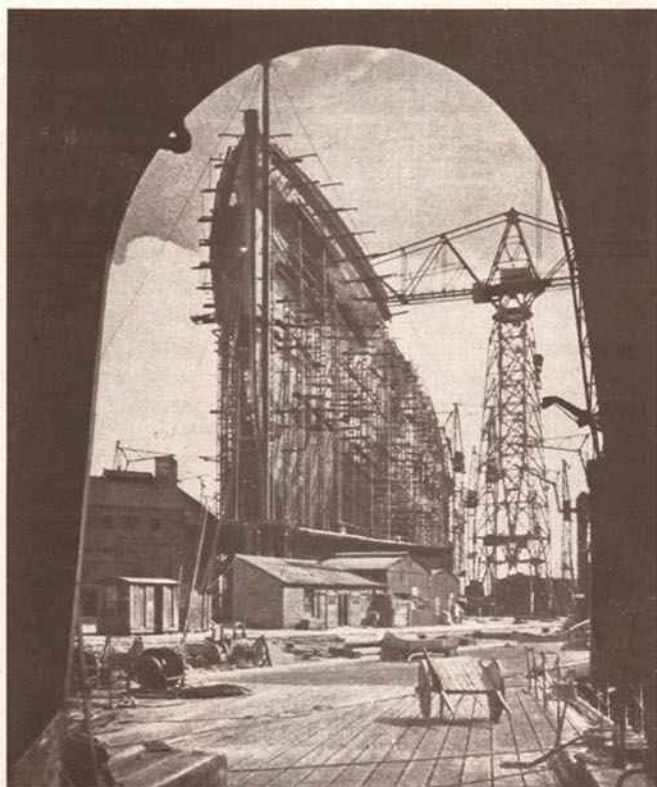
Seja como fôr, é fôra de duvida que a construção do «Queen Mary» constitue uma brilhante vitória para a indústria de construções navais inglesa que até agora nunca construiu barco algum com mais de 47.000 toneladas. Alguns transatlânticos que hasteiam a bandeira britânica e têm tonelagem superior fôram construídos em estaleiros alemães ou italianos.

A construção do «Queen Mary» constitue mais um episódio da já antiga rivalidade entre as Marinhãs britânica e francesa.

Que razão determinam essa rivalidade?

Uma delas é sem dúvida, a concorrência comercial. Mas pode haver outras e por igual modo poderosas.

No quadro das convenções actuais os armamentos da guerra das potências não devem exceder certos limites. Ora um grande transatlântico como o «Queen Mary» pode, em caso de conflito bélico, ser transformado dentro dum certo prazo de tempo numa perigosa arma de guerra.

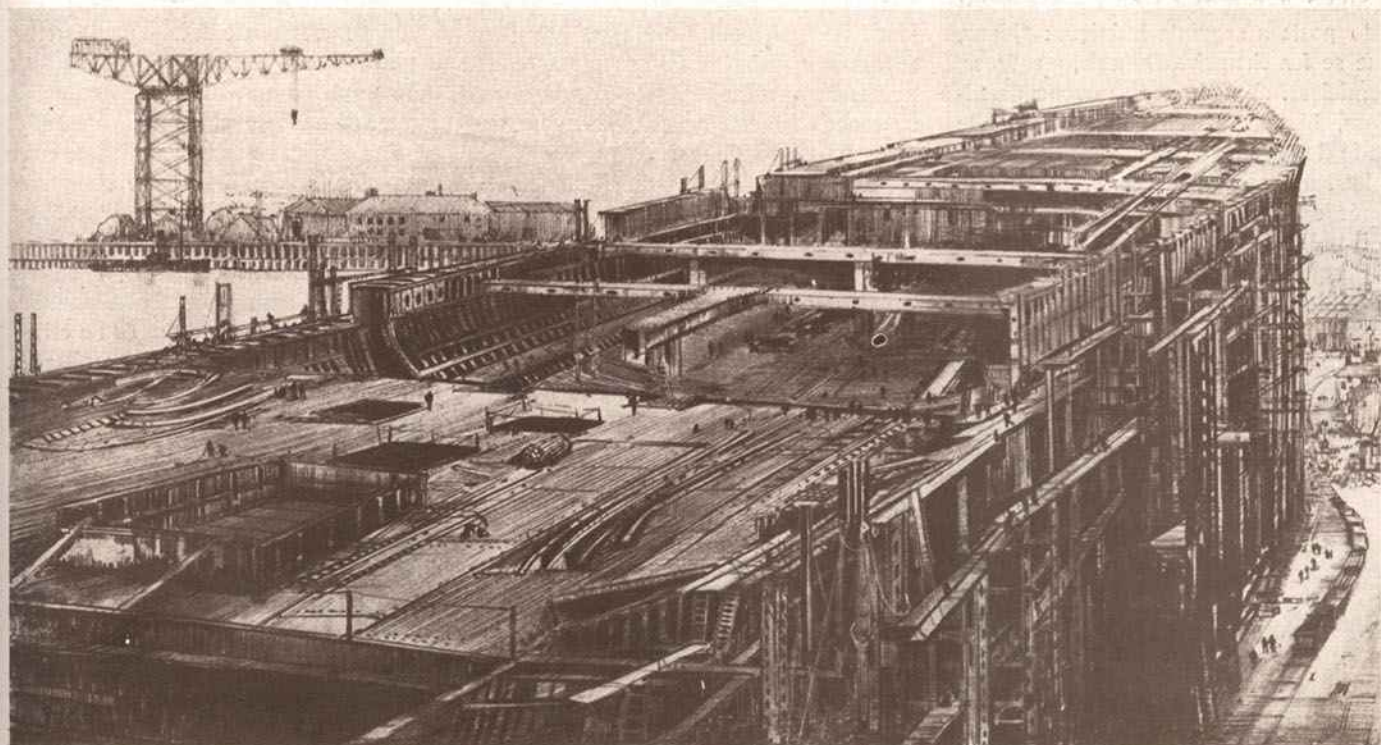


O «Queen Mary» nos estaleiros de construção naval de Clydebank

Pelas suas características especiais a adaptação a essas circunstâncias consistiria

em transforma-lo em navio porta-aviões. Os aspectos técnicos dum problema desse género são por certo complexos, mas de modo algum insolúveis.

Assim se explica, talvez, em parte, a protecção dispensada pelos Governos à construção destas gigantes naves, que representaria nesse caso um dos aspectos do rearmamento dissimulado das grandes potências.





Em 1455 — vinte e quatro anos depois — é que chegaram os remorsos ao soberano francês, ordenando a revisão do processo para a plena reabilitação da Donzela de Orléans. Vale a pena consultar o processo, não só pelos factos que regista a provarem a inocência de Joana d'Arc, como pelos curiosos testemunhos de pessoas que tinham servido sob as suas ordens nos mais perigosos lances. Séculos depois, o Papa Pio X, inspirado num sonho, ordenou que fosse novamente revisto o processo, e daí surgiu a sua canonização. Joana d'Arc passava a ser uma santa da Igreja que a tinha queimado por feiticeira, cinco

Joana d'Arc e Maria Antonieta



QUANDO Plauto definiu a maldade humana na sua famosa sentença "Homo homini lupus", quis apenas referir-se ao homem e aos seus requintes de ferocidade. O celebrado autor do "Anfitrião" e dos "Cativos" não tinha ainda dado fé da perversidade da alma feminina que é tão antiga como o mundo. Hoje poderemos dizer que "a mulher é a loba da mulher" e, assim, a famosa definição ficará mais perfeita e mais justa.

Quando Joana d'Arc foi arrastada à fogueira pelo crime de ter pacto com o diabo, foram as mulheres de Ruão que lhe rodaram o patíbulo, benzendo-se e fazendo figas a essa formosa bruxa de dezanove anos que se levantara a defender a sua pátria quando os guerreiros fugiam à contínua perseguição dos invasores.

Sobre a cabeça da condenada havia sido posta a seguinte inscrição: "Joana, que se fez chamar a Donzela, mentirosa, pernicioso, abusadora do povo, supersticiosa, blasfemadora de Deus, descrente da fé de Jesus Cristo, idólatra, cruel, dissoluta, indecorosa, diabólica, cismática e herética".

E tudo isto porquê?

Porque Joana d'Arc, vendo o seu rei apertado num cerco ao pouco que restava da França, pegara em armas e, guiada por uma voz misteriosa, reunira um exército e rompera o assédio. Os ingleses, desbaratados em batalhas consecutivas, acusavam de feiticeira a heroína, pois só o diabo lhe poderia dar um tal poder. Ao cabo duma infinidade de intrigas, Joana foi vítima duma vilíssima traição e vendida por dez mil libras aos seus inimigos que a levaram para Ruão. Ali foi julgada e queimada ante o aplauso de duzentas beatas e a indiferença do rei da França que não deu um passo para a salvar, embora lhe devesse o trono, a liberdade, a opulência e talvez a vida.

O QUE PLAUTÃO DISSE

«A mulher é a lobada mulher...»

Vítimas indefesas que o ódio feminino sacrificou

Maria Antonieta nada via lá do alto da sua magnificência. Quando eclodiu a revolução, aconselhou o marido a resistir pela força e a afogar os revoltosos no seu próprio sangue. Se o Capeto não contava com tropas suficientes, nada mais fácil do que pedi-las à Áustria que as tinha bem industriadas para esse efeito. O que nada justifica é o prazer satânico das mulheres que bailaram à roda da guilhotina no momento em que a majestosa cabeça da viúva Capeto caía no cesto da serradura.

E então o suplício da princesa de Lamballe? Querem crueldade maior? E, no fim de contas, qual era o crime dessa desventurada? Ser amiga da rainha Maria Antonieta e levar a sua abnegação a preparar-lhe a fuga para a Inglaterra. Tudo estava previsto e o golpe não podia falhar. A princesa de Lamballe seguiu adiante para despistar os esbirros da polícia, e, só em Londres, é que teve a notícia de que a rainha havia sido detida pelos revolucionários. Fora da França nada teria a recar dos seus perseguidores. Poderia gosar da liberdade a que tinha direito, visto que empregara os seus melhores esforços para salvar a sua querida amiga.

Não pensou assim a ingénua princesa de Lamballe. Como não tinha o menor delicto a pesar-lhe na consciência, regressou a Paris e quis compartilhar das agruras do cárcere da sua rainha. Supunha ela que os revolucionários se comoveriam com o seu gesto nobilíssimo. Foi o seu erro. Enquanto a Theroigne de Méricourt, arvorada em "Amazona da Liberdade", percorria as ruas entoando a "Marselhesa", a princesa de Lamballe era arrastada pela multidão que em plena praça a desnudou e crivou de golpes e das mais atrozes mutilações. E pensara a mísera princesa em comover aquelas víboras. Quando o seu corpo lindo, esventrado, a esvaír-se em sangue, era alvo de escarros e pontapés, foram ainda as mulheres que lembraram cortar-se-lhe a cabeça e — num requinte de crueldade — passeá-la espetada num choço em frente da prisão da rainha para que esta visse bem a sorte que a esperava.

Mas não pára aqui a malvezes feminina. Carlota Corday, que temerariamente entrara em casa de Marat para o apunhalar no banho, teve contra si, não só a

dureza do tribunal que a julgou, mas a crueldade das mulheres que a apuraram no caminho do cadafalso.

Na tarde em que a guilhotinaram — dizem os documentos da época — faiscavam os relâmpagos, a trovoadá ribombava lugubrememente e a chuva era torrencial. No entanto, os cais, as pontes, as praças e os jardins estavam cheios de gente, cujo regougar parecia querer abafar os rugidos da tempestade. As mulheres, conhecidas por *fúrias da guilhotina* cobriam de insultos e maldições a jovem condenada. Não as comovia a majestade dessa linda rapariga de vinte e sete anos que matara para vingar o noivo assassinado por uma crueldade inaudita. Os ventres dessas megeras não estremeiam e, no entanto, geravam...

Carlota Corday seguia na carroça, em pé, de cabeça levantada, não em ar de desafio às harpias do seu sexo que a insultavam, mas porque as mãos atadas atrás das costas a obrigavam a essa posição forçada.

Nisto, parou de chover. A carroça continuava na sua carreira monótona. A condenada que, durante três quartos de caminho, seguira desabrigada, estava enxarcadinha até os ossos. Os vestidos molhados desenhavam-lhe os contornos do corpo encantador. A camisa vermelha que o carrasco lhe vestira, dava um aspecto estranho, um esplendor sinistro àquela cabeça altiva, enérgica e serena.

Quando se apercebeu do cadafalso, Carlota Corday empalideceu ligeiramente. Este palor, que poderia ter passado despercebido noutro qualquer momento, contrastava singularmente com a camisa rubra que lhe subia até ao pescoço. Mas, em seguida, a condenada fez um esforço supremo, fitou a guilhotina, e até sorriu.

O mulherio urrava: "Olha a cabra! Parece satisfeita! Deixa estar que daqui a pouco a gente é que se há de rir..."

Maria-Hari, a bailarina espia



A primeira de Lamballe entre as fúrias de Paris — quadro de Maxime Faivre

A carreta parou. Carlota saltou sem esperar que a ajudassem e subiu os degraus do cadafalso que a chuva tornara escorregadios.

Ao sentir a mão do carrasco sobre o seu ombro, empalideceu mais uma vez. Depois, estendeu-se na báscula ainda ensanguentada doutras vítimas e o cutelo desceu num relampejar sinistro, separando-lhe a cabeça do tronco.

As mulheres dançavam em roda do cadafalso e incitavam o carrasco a que lhes mostrasse a última expressão dessa "cadelada danada".

O carrasco — um tal Legros — para ser agradável à multidão levantou a cabeça da vítima e deu-lhe uma bofetada. As megeras uivavam de gôso. Aquilo, sim; aquilo é que lhes enchia as medidas.

— "Chegue-lhe mais, tio Legros — rugia uma mulher com uma criancinha ao colo — chegue-lhe mais que bem o merece..."

E então — dizem vários documentos da época — as faces dessa cabeça decepada coraram. Não a face agredida, mas as duas faces, e com um rubor igual, porque a sensibilidade vivia ainda nesse cérebro a escorrer sangue.

Fôram os homens que se opuzeram á continuação desta cena repugnante e

macabra que as mulheres aplaudiam num requinte de perversidade.

Tomaram o partido da morta, e o carrasco foi entregue aos gendarmes que o conduziram á prisão, por entre os protestos do mulherio.

Chegou a vez de madame Roland, a dama culta e inteligente que reunia nos seus salões as maiores notabilidades literárias e artísticas do seu tempo. Acusada de ser afectada aos girondinos, foi condenada ao cadafalso. As mulheres de Paris — as fúrias da guilhotina — iam ter mais um espectáculo delicioso. Com efeito, no dia em que atiraram madame Roland para a carroça fatal, as mulheres, dando as mãos, num desvairamento de alegria, cantavam os famosos versos que Rouget de Lisle compuzera para hino do exército do Reno e passavam a ser en-



toados como cantochão de condenados á morte:

*Liberté, Liberté chérie,
Combats avec tes défenseurs...*

Foi então que madame Roland, enfrentando essa multidão ululante, gritou a sua última frase:

— "O' Liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome!"

Decorreram anos, e a malvez feminina subsiste.

Ainda há pouco tempo, quando o tribunal de Paris julgava a bailarina Mata-Hari, acusada do crime de espionagem, fôram as mulheres que mais se manifestaram como dignas descendentes das ferozes esventradoras da princeza de Lamballe.

Mata-Hari, a sedutora artista, que tinha ido buscar á cerrada penumbra dos mistérios do Extremo-Oriente, o ritmo estranho dos seus bailados bramânicos, entrara, um dia, em Paris, precedida duma fama colossal. Dentro em pouco, o *Musée Guimet*, onde a bailarina prodigiosa desperdiçava os seus encantos, era ponto de reunião de ministros e diplomatas que, ajoujados de flôres e de jóias de alto preço, disputavam entre si a maior permanência no camarim da deusa.

Já nêsse tempo, a Alemanha urdia a sua teia de espionagem — e todavia a guerra vinha ainda a oito anos de distância!

Em boa verdade, a bela dançarina, tão bem relacionada como se encontrava, poderia prestar valiosos serviços que a Alemanha, sempre de tão boas contas nestes negócios, gratificaria largamente. Rodeada de todos os confortos, habituada a gastar rios de dinheiro com as suas excentricidades, Mata-Hari precisava de ouro, de muito ouro, tanto, tanto, que os seus bailados, por muito bem pagos que fôsem, não poderiam produzir.



A diplomacia germânica aproximou-se cautelosa e tentou a vítima com uma joia principesca. Os presentes continuaram. A breve trecho, a bailarina estava envolta nas malhas da rêde.

Era esta a acusação, embora não chegasse a surgir uma prova absoluta. Os juizes vacilavam. Mas, lá fora, o mulhêrio gritava: — "Se calhar, absolvem-na... Pudera! Ela é bonita! Justiça! Mõrra a espia! Por causa dela estão morrendo os nossos filhos nos campos da batalha!"

O advogado defensor empregou as palavras de maior efeito, salientou que,



Madame Roland

sem provas, mais valia absolver uma criminosa, do que condenar uma inocente.

Os juizes vacilavam, mas o mulhêrio rugia lá fóra, sedento de sangue. As netas das megeras de 93 queriam gosar um novo espectáculo digno da sua índole, expressamente engendrado para satisfação da sua malvez.

Era linda a bailarina? Tão linda como a Princesa de Lamballe? tão espirituosa como a madame Roland? tão altiva como a rainha Maria Antonieta? tão corajosa como a Carlota Corday?

Que lindo espectáculo para essas lobas sequiosas de sangue!

Mas nem só a mulher francesa é dada a tais ímpetos de ferocidade. A fleumática Inglaterra orgulha-se de ter sentado no seu trono a filha de Ana Bolena que fez subir ao cadafalso a desventurada Maria Stuart. E, nas mais empolgantes páginas da sua história, enaltece as altas qualidades dessa rainha Isabel que, no dizer dos cronistas, foi uma soberana enérgica e autoritária, capaz de enfrentar a sanha oblíqua de Filipe II em proveito dos protestantes. Durante os 45 anos do seu reinado mereceu ser considerada a protectora

Carlota Corday

excelsa das letras, das artes e das ciências e a defensora estrênua da colonização. Pois esta magnânima rainha, sentindo ciúmes da desventurada Maria Stuart, torturou-a num requinte de perversidade inconcebível, e fê-la executar sem apêlo nem agravo.

A sua alma rancorosa nunca perdoou a bastardia que lhe imputavam, nem o ódio que sempre lhe votara a sua irmã consanguínea Maria Tudor. Durante as semanas que esteve presa na Torre de Londres, urdiu a sua teia de vingança e fingiu sujeitar-se a todas as imposições que lhe eram feitas. Quatro anos depois era rainha. Uma das vítimas que escolheu foi a pobre Maria Stuart. Que lhe importava que estivesse inocente, se ela tinha sêde de sangue?

Um cronista coevo, aludindo à sua obra nefasta, diz:

"A execução de Maria Stuart foi preparada pela vingança implacável do ciúme feminino. Isabel, com efeito, a grande rainha, era a mulher mais mesquinha que poderia encontrar-se. É nesta fraqueza e no temperamento sensual, herdado de seu pai Henrique VIII, que deve procurar-se a origem do valimento de Roberto Dudley, e de tantos outros. Pode afirmar-se que ela apenas púbere, se estreara na galanteria e que, aos sessenta anos de idade, ainda estava apaixonada pelo jovem lord Essex. No entanto, pouco antes de falecer, pediu que lhe fôsse gravado êste epitáfio sôbre a sepultura:

Aquí jaz Isabel que viveu e morreu virgem.

Já agora, não se pense que Portugal deixou de ser contemplado com lobas desta natureza.

A nossa Leonor Teles armou o braço do cunhado, depois de lhe ter segredado a calúnia do adultério da própria irmã.

Esta que, nêsse momento, estaria pensando no seu marido bem amado que tanto tardava, viu-o entrar, espumante de fúria, brandindo um punhal. Santo Deus! que teria acontecido? O infante D. Diniz, avançando para a esposa, arrancou-lhe do seio o filhinho que amamentava e rasgou-a desde as virilhas até ao ventre. A mísera Maria Teles exalava o último suspiro, num charco de sangue, e sem suspeitar do motivo de tão bárbaro suplício. Talvez calculasse que o seu marido havia sido atacado de loucura ou que estaria embriagado ao ponto de perder o uso da razão. Do que ela não poderia suspeitar nunca era da hedionda calúnia urdida pela sua própria irmã.

Oh! ontem como hoje e hoje como sempre, a mulher é a loba da mulher.

Gomes Monteiro.



Eugenio de Castro

O JUBILEU DE UNAMUNO

e a imposição das insígnias de doutor «honoris causa» da Universidade de Salamanca ao dr. Eugénio de Castro

austera para a vida fecunda e salutar do pensamento.

No final do discurso do sr. dr. Eugénio de Castro, a assistência dispensou-lhe uma prolongada ovação e vitoriou por algum tempo o nosso país.

Entre novos aplausos e visivelmente comovido, ergueu-se depois Unamuno para proferir a sua última lição que a assistência escutou de pé.

Nesse trabalho, a que deu o título «Oração Inaugural do curso de 1934-35 na Universidade de Salamanca», Unamuno começou por fazer a história dos seus 43 anos de professorado. Recordou os seus dois anos de desterro, vítima de perseguições políticas.

Fez depois o elogio da língua espanhola que analisou à luz das doutrinas filosóficas. E por último abordou com grande elevação o problema da política entre os estudantes universitários.

Quando se acalmou a tempestade de aplausos que esta última lição do grande catedrático provocara, o ministro da Instrução leu o decreto que o Presidente da República acabava de assinar. Nos termos desse diploma é dado carácter nacional a esta homenagem e nomeia-se Unamuno reitor perpétuo da Universidade de Salamanca.

O último discurso foi o do sr. Alcalá Zamora e teve um especial significado de amizade para o nosso país. Fez o elogio entusiástico de Portugal e dos portugueses e advogou em termos calorosos a aproximação das duas nações. Afirmou que a alma espanhola nunca poderá sentir-se completamente satisfeita se não tiver ao seu lado a alma portuguesa.

Falou por fim de Unamuno cuja poderosa personalidade de pensador e de homem de acção apreciou com palavras de grande admiração.

Mais tarde procedeu-se à solene inauguração



Miguel de Unamuno, visto pelo grande caricaturista Bagaria



Miguel de Unamuno

no Palácio Anaya dum busto de Unamuno, admirável obra de arte moderna do grande escultor Vitorino Macho que reproduzimos na capa deste número.

Na praça de touros realizou-se ainda nesse dia o último número dos festejos que constitui na apresentação dos «Charros», do Rancho de Rendilheiras de Vila do Conde e da famosa Banda Municipal de Madrid.

Unamuno ocupa na vida da Espanha contemporânea um lugar de incomparável destaque de que esta homenagem foi a justa consagração. Não cabe nos moldes deste artigo traçar a sua biografia nem mesmo sob a forma de esboço. Limitar-nos-emos aqui a recordar algumas fases da sua brilhantíssima carreira.

Pensador e homem de acção, dotado duma surpreendente energia viril, tem dedicado a sua actividade às mais variadas manifestações da vida do espírito. Cultivou com êxito os mais diversos géneros literários. É poeta, e dos melhores, como o atesta, entre outros, o seu belo livro «Poesias», publicado em 1907. Como romancista escreveu várias obras, entre as quais merecem relevo «A paz na guerra» e «Do meu país», edições, respectivamente de 1897 e 1903.

A sua obra como filósofo é das mais significativas dos tempos modernos. Escreveu numerosos trabalhos entre os quais citaremos «O sentimento trágico da vida» em 1913 e «A agonia do cristianismo» em 1925.

Dedicou-se à filologia em que também produziu obra notável.

Em política manifestou-se sempre um individualista ardente, defensor apaixonado das ideias da justiça e liberdade. Pôs a pena ao serviço dos seus ideais e revelou-se um panfletário vigoroso. Os ataques que dirigiu contra Primo de Rivera tiveram como consequência a sua destituição de reitor da mesma Universidade que agora acaba de consagrá-lo. Foi deportado para as Canárias e daí emigrou para França. Durante o exílio escreveu duas obras de grande valor «Como se faz um romance» e «Romanceiro do exílio».

Tomou parte activa na preparação do movimento destinado a derrubar o regime monárquico e implantar a República.

Promovendo esta homenagem, a República espanhola honrou-se, portanto, pelo cumprimento dum dever sagrado de gratidão. E a presença do Chefe do Estado do país vizinho vincou o significado desse acto.

Portugal, por seu lado, associando-se à consagração de Unamuno, obedeceu a um mandato imperativo que lhe advem da admiração por essa grande figura, de que toda a península ibérica pode legitimamente orgulhar-se.



O lago Bohlejsko, em cuja margem o príncipe Paulo da Jugoslávia tem o seu palácio. Foi aqui que o príncipe Jorge se declarou a princesa Marina

QUEM diria a V. Ex.^a, gentilíssima leitora, que, nestes tempos de falsas realidades que vão correndo, a linda história da "filha de rei a guardar patos", e o conto delicioso do "príncipe audaz que foi à torre da Babilónia, onde quem entra nunca mais torna", poderiam ser hoje factos verídicos e palpáveis.

Não acredita? Pois tem de acreditar. A princesa Marina da Grécia vai casar com o príncipe Jorge de Inglaterra e as bodas estão marcadas para o mês que vem com a assistência de todos os soberanos do mundo.

Poderemos até começar assim: Era uma vez uma princesa muito linda que, em resultado duma grande convulsão política no seu país, foi exilada para as terras da França. Chamava-se Marina

e nascera na Grécia, a pátria excelsa da Suprema Arte e da Divina Beleza. Dir-se-ia que as deusas Juno, Minerva e Afrodita, desistindo do pomo áureo, o colocaram no berço dessa princesinha de lenda. Com efeito, a princesa Marina reunia a sabedoria de Palas, a opulência de Juno e a beleza de Venus. Um dia, uma revolução expulsou-a do seu país, e do seu majestoso palácio de Atenas passou para um modesto andar alugado no "boulevard" Jules Sandeau, da capital francesa. Ali vivia com seus pais, o príncipe Nicolau que se dedicava à pintura com toda a sua alma de artista helénico, e a princesa Helena que foi uma das mais formosas mulheres que o mundo conheceu. Ali vivia a princesinha com os seus sonhos mais gratos. Era linda, muito linda, tinha saúde, inteligência e bondade, mas faltava-lhe o que hoje é considerado indispensável para casar — um magnífico dote. A princesinha era pobre. Sentia-o e sofria em silêncio as contrariedades da sorte. No regresso do colégio onde se instruíra, passava sempre pelo lago do Bosque de Bolonha e ali se entretingia a deitar guloseimas aos seus amigos cisnes — os únicos que pareciam compreender as máguas do seu coração alanceado. Depois, na sua solidão, passava a evocar os belos tempos da sua infância, à sombra sagrada da Acrópole, uma infância risonha que os deuses do Olimpo pareciam ter abençoado. Quando chegaria o seu príncipe loiro a libertá-la de tão penoso exílio que não merecia e a rociar de

Era uma vez uma princesa...

No nosso tempo ainda há príncipes românticos que se apaixonam e casam por amor

ternura a sua alma ingénua, apaixonada e meiga?

A sua situação de exilada poderia segredar-lhe que não tivesse ilusões, mas a sua alma tinha uma grande esperança, uma quasi certeza de que o seu príncipe encantado ainda havia de chegar.

Esperou, portanto, confiadamente. Um dia, viu o príncipe Jorge da Inglaterra, e o seu coração começou a palpitar mais fortemente. Seria aquilo amor?

Nesse Paris enorme, que é a capital do mundo inteiro, tinha visto muitos príncipes esbeltos, mas nenhum a perturbára assim... Deveria acalentar ilusões sendo pobre? Guardou o seu segredo, mas não tão habilmente que uma dama da corte britânica, senhora de idade avançada e muito perspicaz, o não sondasse.

E porque não havia de realizar-se o lindo sonho da princesa grega? Era pobre. Mas, tendo vivido e crescido em contacto com as frias realidades, aprendeu a ser mulher que, pensando bem, é muito mais importante do que ser princesa.

O príncipe Jorge, tendo uma fortuna imensa, não precisaria duma esposa milionária. O que lhe fazia falta era uma mulher que o enamorasse em primeiro lugar, e que o tornasse feliz após o casamento. Precisava duma mulher que o afastasse da vida imponderada de solteiro e fôsse o mais forte esteio da felicidade do seu lar.

A veneranda dama da corte inglesa, querendo ao príncipe Jorge como a um filho, perguntou-lhe em dado momento:

— Vossa Alteza já pensou alguma vez em casar-se? É da lei da vida.

— Sim, realmente, — respondeu o príncipe Jorge sorrindo — reconheço que na vida do homem há um limite para os folguedos de solteiro. Passado esse limite, a vida começa a pesar e a tornar-se impossível. É a hora do abandono, da tristeza, da solidão...

— E Vossa Alteza já passou esse limite?

— Não sei bem. Mas quem poderia eu escolher para esposa?

E, em ar de brincadeira, começou a citar as princesas que lhe lembraram, acabando por dizer que nenhuma delas lhe interessava.

— Esqueceu-se da princesa Marina da Grécia que reúne a uma grande beleza as mais preciosas qualidades. Vossa Alteza nem sequer a citou...

— Oh, essa sim — respondeu o príncipe corando como um colegial tímido — essa seria talvez a única que escolheria, se um dia decidisse casar-me... Mas isto que não passe daqui.

— Fique Vossa Alteza descansado.

Escusado será dizer que, nesse mesmo dia, o segredo do príncipe era revelado aos soberanos britânicos e ao príncipe Paulo da Jugo-Eslavia, cunhado da princesa Marina, e naquele momento, hospede da corte de Londres. Este príncipe, quando se despediu, convidou o príncipe Jorge a passar as férias de verão no seu palácio da Sérvia. E, como se calcula, a princesa Marina e seus pais foram igualmente convidados. Em agosto passado, o príncipe Nicolau da Grécia e sua esposa, e os pais da princesa Marina instalaram-se no palácio de verão dos soberanos da Jugo-Eslavia. Por sua vez, a princesa Marina foi veraniar com sua irmã no castelo que o príncipe Paulo possui junto dos Alpes Julianos. Foi aqui que o príncipe Jorge foi atraído. Os dois jovens passavam ali mais à vontade, libertos do rígido protocolo da corte inglesa. Davam grandes passeios, jogavam o "ténis", e o "golf", conversavam muito sobre mil e uma frivolidades. Mas os dias passavam e o príncipe não se declarava... No seu olhar parecia adivinhar-se que estava enamorado da linda princesa. No entanto, não se declarava...

Certa noite, o príncipe ordenou ao seu criado de quarto que, no dia seguinte, chamasse uma "manicure", para lhe tratar das unhas. Então, a princesa, ouvindo esta ordem, teve o momento de inspiração que toda a mulher enamorada têm ao jogar a cartada decisiva do seu amor.

— Esperai um momento — disse ela ao príncipe... Eu sou tão boa "manicure" como as raparigas que dêsse ofício fazem profissão. Vou buscar o meu estójo de unhas e eu mesma terei o prazer de vos arranjar as mãos.

Dois minutos depois, o príncipe entregava as suas mãos à princesa que lhe limava e polia as unhas com tanto esmero e cuidado que a operação parecia não ter fim. Nisto, bateu a meia noite, a hora misteriosa dos duendes e também dos grandes prodígios. O príncipe, fitando a princesa "manicure", nos olhos, tirou-lhe o "polissoir", e, tomando-lhe as mãos pequeninas que tremiam nas suas, murmurou-lhe aquelas três palavras mágicas que todo o mundo entende em qualquer idioma que sejam proferidas, e que unem para sempre duas vidas e dois corações.

Neste momento, o velho relójo do salão batia a última badalada da meia noite, parecendo que as duas figurinhas que o encimavam — um príncipe loiro e uma linda princesa — se fitavam mais amorosamente do que nunca.

Meia noite! a hora fatídica dos

fantasmas que toda a gente receia, dos agoiros e maus olhados mas que também pode ser a hora calma das confidências amorosas.

As duas figurinhas do relójo dando as mãos, pareciam ensaiar os primeiros passos duma valsa antiga...

Meia noite! Hora de concentração e felicidade, quando todo o bulício da cidade dorme para se levantar na manhã seguinte com maior incremento. Nesse momento delicioso, as duas figurinhas do relójo pareciam falar, pareciam murmurar a eterna prece que sempre foi ouvida por Deus, tal é o fervor com que é feita, e que, na Inglaterra, ou mesmo em França quando baluciada por um príncipe britânico, começa sempre por estas palavras mágicas: *I love you!*

Para remate, acrescentaremos que o príncipe Jorge, naquela noite, no sossego dos seus aposentos, contemplou durante muito tempo as suas unhas polidas, brilhantes e bem cortadas. Sorriu, enlevado na perícia da formosa princesa que tão cuidadosamente lhe cortara as unhas... e as azas. O seu irmão príncipe de Gales, herdeiro do trono, ainda pode, ainda poderia continuar a voar ao sabor da sua fantasia. Ele, á semelhança dum leão do nosso tempo, ficara sem as suas lindas azas brancas de arminho. Suspirou... Levando uma das mãos ao peito não sentiu latejar o coração... É que a formosa princesinha tinha-o levado consigo, bem acondicionado ao pé do "polissoir", na sua ma-
linha-estójo de "manicure", amadora.
Levara-lhe o coração — e ainda bem que lho levaria.
Como se vê, gentil leitora, o sonho da princesinha realizou-se. O seu príncipe encantado chegou.
Para o mês que vem, vão casar, e, como nas histórias de fadas, viverão muitos anos e hão de ser muito felizes.
O que lhe desejamos, leitora gentil, é que, se fôr solteira e acalentar um sonho idêntico ao da princesinha grega, o veja realizado quanto antes, e que seja ditosa como merece.



A beleza da princesa Marina, vista pelo pintor Zubokhitis



A chegada da princesa Marina a Londres



No castelo de Balmoral a princesa Helena, o rei Jorge V, a princesa Marina, o príncipe Jorge, a rainha Maria de Inglaterra e o príncipe Nicolau da Grécia, pai da princesa Marina

DUAS senhoras que visitam uma exposição param defronte duma escultura que representa um atleta grego em posição de lançar o disco. Comentário duma delas:

— Sempre gostava de saber o que êle fez primeiro ao gramofone.

O médico: — Mas isso que me diz de sua filha não será um caso de hereditariedade?

A mãe, com ar grave: — Não, senhor doutor. Hereditariedade é cousa que nunca houve na nossa família.

O professor: — Se dez homens levam oito horas para lavrar um campo, vinte homens quanto levam para fazer o mesmo trabalho?

O aluno: — Não o podem fazer.

O professor: — Ora essa! Porquê?

O aluno: — Porque os primeiros dez homens já o fizeram.

Entre falsificadores:

— O João sempre tem muito pouca sorte...

— Porquê?

— Andou três meses a aprender a imitar a assinatura dum banqueiro e agora que tinha atingido a perfeição... o banqueiro faliu!



O vestibulo dum hotel no dia em que as atitudes da prata se generalizarem.

— Então a tua mulher fugiu com o "chauffeur"?

— Não tem importância. Já fazia tenção de despedir o "chauffeur" no fim d'êste mês.

Uma senhora dirige-se ao empregado dum grande armazem.

— Desejava um presente próprio para



uma pessoa que escreve... para um homem de letras.

O caixeiro, solficto:

— Talvez... um cêsto de papeis.



— Diga-me, doutor. Poderes viver até aos 90 anos?
— O senhor fuma? Bebe? Joga? Numa palavra, tem vícios?
— Absolutamente nenhum.
— Nesse caso para que queres viver até aos 90 anos?

Romão: Meu amor, quero casar contigo!

Juliana: E já falaste ao papá?

Romão: Já, sim. Mas gosto de ti à mesma.

— Quem era aquela esgrouviada que vi ontem à noite na tua companhia?

— Ah! Não digas a minha mulher...

— Seu brejeiro! Então a tua mulher não sabe que...

— Sabe. Pois se era a minha mulher...

— Então o pobre Soares lá se foi...

— Sabes de que morreu?

— Não. Mas também ninguém sabe de que vivia.

Duas visitas interrogam o Bétinho:

— Então, diga-nos, está

contente com o manó que veio de França?

— Sim. Mas há cousas de que tinhamos muito mais precisão.

O poeta estreante para o seu editor
— Tem ouvido comentários ao meu livro?

— Apareceu aí um homem que tem o seu nome e que nos intimou a publicar uma declaração dizendo que não era êle o autor dos versos.

O "enfant terrible".

— Se o menino não está quieto chamo um polfícia.

— Pois sim. E eu digo-lhe que a mamã tem um cão e não tirou licença.

Numa exposição de arte moderna:

O pintor: — Pois bem; vendo-lhe o quadro por metade do preço do catálogo...

O visitante: — E quanto custa o catálogo?

Alguém perguntou um dia a Bernard Shaw:

— Acredita que os homens que se casam à sexta-feira sejam desgraçados?

Ao que o grande humorista respondeu:

— Claro que sim! Porque havia a sexta-feira de ser um dia diferente dos outros?

— Dei ao Alfredo pelos anos uma linda gravata feita por mim.

— E êle gostou?

— Imenso. Até me disse que queria ser o único a poder admirá-la.



Ora esta! Não façta idea nenhuma de que os cães pudessem trepar as árvores!...

A QUINZENA DESPORTIVA



Augusto Silva fotografado ao lado de Baioncieri, capitão da equipe italiana, numa das suas tardes de glória

AUGUSTO SILVA abandonou definitivamente a actividade no desporto em que se celebrizou, e o seu desaparecimento voluntário dos campos de football merece umas palavras de saüidade.

O médio centro do melhor grupo representativo que até hoje envergou a camisola nacional, aquele que em Amsterdão revelou ao mundo o desporto português, marca como um dos melhores footballistas de todos os tempos no país, cujo valor consagrado nas pugnas internacionais conquistou louvores aos críticos de todas as nacionalidades onde se exibiu.

Vinte e uma vezes internacional, desde 1925 a 1934, contra a Espanha, Itália, França, Hungria, Chile, Jugoslavia e Egipto, o grande jogador do Club de Football "Os Belenenses" é crêdor da estima e do reconhecimento de todos os desportistas seus compatriotas, porque sempre lutou com entusiasmo na defesa das nossas côres e soube impôr-se pela correcção impecável do seu porte, dentro ou fora do rectângulo de jôgo.

Augusto Silva pode orgulhar-se do seu passado de jogador e nunca o tempo nos apagará da memória a tarde incerta de Amsterdão, quando frente aos jugoslavos víamos derrocar as nossas esperanças, êle soube, pela sua vontade indomável, forçar o destino.

Recordemos:

"Com o perigo e a gravidade da situação, uma figura há, grande desde o início, que se avoluma e agiganta, enchendo por si só todo o campo de jôgo; um jogador português há que, sentindo dentro de si a alma heróica da raça, aquela alma indomável que lançou os conquistadores do mundo em batalhas de um contra cem, sôsinho enfrenta o adversário e lhe sus-

tenta o embate. Augusto Silva vale por si só os onze jugoslavos.

Ao calor da sua actividade, ao reflexo do seu exemplo, os companheiros retomam confiança e a equipa portuguesa cresce nos momentos finais, busca com afan decidir a situação antes do final do tempo, evitando a necessidade de recurso aos prolongamentos, que receia como um martírio fatal, exausto como está. O onze de Portugal já não joga pelos seus músculos, luta pelos seus nervos.

A dois minutos do fim, Augusto Silva, ainda êle, sempre êle, colhe a bola, "dribla", força o caminho e remata a um canto a bola da vitória.

Estas frases, escritas por nós na *Ilustração* em 1928, são o ramo de saüidades que enviamos a Augusto Silva na hora da sua retirada, abraçando-o e agradecendo-lhe as emoções e alegrias que nos fez viver num dos períodos mais amargos da nossa vida ingrata de dirigente.

A organização geral do foot-ball foi profundamente modificada esta época e as provas officiais vão ser disputadas sobre moldes inteiramente diferentes. Esta tentativa, que traduz a necessidade natural da evolução dum despôrto cuja propaganda cresce de ano para ano, é esperada pelos dirigentes com certa ansiedade e nem todos se mostram seguros dos resultados prováveis.

Na essência, é sensato o princípio a que obedece, restando averiguar se os factos corresponderão aos propósitos que os guiaram.

Até os mais otimistas dos críticos são forçados a reconhecerem que o valôr actual do foot-ball português é inferior à classe dalguns anos atrás. Os melhores elementos dêsse período aureo declinaram pela força do tempo e na falange dos novos não surgiu quem os substituisse.

Os últimos fracassos no campo internacional deram o sinal de alarme, e fizeram vêr aos dirigentes a urgencia de modificar o estado de coisas, por formas

a estabelecer uma orientação nova, que favorecesse o progresso técnico individual e colectivo.

Reuniram-se os doutores, analisaram meticolosamente a situação, investigaram-lhe as causas e propuzeram remédios: simplificação dos campeonatos regionais, criação das Ligas nacionais, liberdade dos jogadores restrita apenas a um consentimento dos respectivos clubes que representa na verdade um tributo de transferência.

Como dissemos, o critério parece justo e deveríamos contar com certa uma melhoria de situação.

Existe, porém, um factor importante, embora não seja de ordem puramente desportiva, que pode transformar por completo os resultados: a questão financeira.

As despesas das colectividades especializadas crescem assustadoramente e os resultados económicos da nova organização constituem uma incognita que parece vir a ser de valôr negativo para muitos dos participantes. Não irão, assim, aniquilar-se as excellentes intenções dos reformadores?

Os primeiros encontros da época, ainda não de carácter official, deixam-nos na absoluta incerteza. A afluência do público foi irregular, os grupos alcançaram resultados paradoxais, que a escassa preparação justifica em parte, mas que demonstram também a inconsistência dos conjuntos; os jogadores não causaram surpresas, e aqueles que melhor impressão produziram nos técnicos são todos valores conhecidos e com o nome feito.

Por tudo isto se apresenta oportuna e indispensável a reforma imposta à regulamentação prática do mais popular dos desportos, que oxalá nos traga em breve praso os efeitos previstos pelos seus autores.

A temporada ciclista, que até à realização da Volta a Portugal se arrastára difficilmente, perdendo numerosos domingos na inacção, tem sido agora no final, desde que a grande prova de "Os Sports", es-



Artur Dyson, guarda-redes do Sporting que se apresentou esta época em magnífica forma



Adelaide Neves e Silvina Vieira Alves, esta última vencedora de todas as provas femininas dos campeonatos nacionais de natação.

timulou o meio, particularmente animada.

Não há terra que não queira ter a sua volta, e os circuitos sucedem-se sem interrupção prometendo levar a actividade dos ciclistas até ao extremo limite do outono.

Sobral de Mont'Agrazo, Figueira da Foz, Cartaxo, Bombarral, Mafra, Marinha Grande, Santarem, tiveram até à data a sua corrida privativa, em mais ou menos voltas, mas sempre animosamente disputadas pelos melhores corredores lisboetas, que são por enquanto os mestres na especialidade.

Infelizmente, vemos aproximar-se o encerramento da época sem que a União Velocipédica, a braços com questões clubistas, se decida a fazer disputar o campeonato nacional, cuja ausência se não pode admitir sem protestos.

A organização da prova máxima é a primeira obrigação duma entidade federativa e nada, absolutamente nada, pode escusá-la dêsse dever formal. Oxalá todos, dirigentes e dirigidos, se lembrem a tempo de que o desporto importa que seja regido pelas leis nobres do espírito desportivo, muito superiores a quaisquer interesses individuais ou de facções restritas.

Se os efeitos duma política mesquinha ocasionarem a impossibilidade de efectivação do campeonato nacional em estrada, o que se nos afigura provável, teremos que reconhecer ao campeão de 1933 legítimo direito moral de conservar por mais um ano a camisola verde-rubra que durante esta época ostentou com galhardia.

José Maria Nicolau foi, incontestavelmente, o melhor homem em 1934, marcando sensível vantagem sobre todos os rivais.

Entrando em linha de conta apenas com os resultados práticos das provas disputadas, sem invocar aquelas usuais atenuantes dos azares e incidentes que fazem parte normal da tradicional "gloriosa incerteza do desporto"; verificamos que Nicolau venceu seis das dezesseis provas comportadas pelo calendário lis-

boeta da época, entre elas figurando a mais importante de todas, a Volta a Portugal. As restantes foram ganhas, 3 por Trindade e por Aguiar da Cunha, 2 por Joaquim de Sousa e 1 por José Marquez e Ezequiel Lino; nos postos de honra encontramos Joaquim Fernandes, Prudencio Carneiro, Martins Aguiar, Manuel de Sousa, Cesar Luís.

Este simples enumerado mostra-nos que foram ainda os corredores experimentados aqueles que dominaram a situação. No entanto, os novos surgem dispostos a conquistar posições e é de prever que a época próxima nos traga surpresas, impondo outros valores e certificando os excelentes resultados obtidos pela intensa propaganda desenvolvida nestes anos em prol do ciclismo.

Acabou a época de natação e não podemos entoar lóas em honra dos seus feitos, Portugal continua sendo um país de beira-mar onde se nada pouco e mal.

O mais significativo exemplo da tristeza em que vegeta a natação desportiva portuguesa é-nos oferecido pelos campeonatos nacionais, disputados em Lisboa, e aos quais concorreram apenas nadadores da capital e no número estritamente indispensável para sua realização.

Em doze provas incluídas no programa, alinharam três concorrentes em três delas, dois noutras três e um único nas seis restantes!

O facto é tanto mais para notar, quanto é certo que a actividade clubista durante os mezes estivais foi importante, multiplicando-se as provas, afluindo a concorrência, melhorando-se os resultados. Porque razão fizeram, pois, os nacionais uma simples apresentação dos prováveis campeões?

A resposta única aceitável como lógica é exactamente aquela que a própria pergunta formula: porque só se inscrevem os prováveis campeões, preferindo abster-se aqueles que sabem não estar a vitória ao seu alcance. Ora o bom desportista não é apenas aquele que vence, mas também o que sabe lutar e perde com honra.

Parece-nos que a responsabilidade deste lamentável estado de espírito pertence em partes iguais aos dirigentes clubistas e aos críticos da especialidade.

Os primeiros, apresentam nas suas provas dezenas de nadadores impondo ao público uma actividade impressionante, mas às provas oficiais enviam apenas o melhor representante talvez para evitar rivalidades.

Os críticos não têm querido preparar o meio, estabelecendo a propaganda indispensável em artigos doutrinários, criando ambiente e fomentando uma consciencia diferente da que existe. A quasi totalidade das crónicas sobre natação, limita-se ao simples enumerado dos resultados, sem comentários técnicos, sem apreciações gerais que consideramos a primeira atribuição do jornalista desportivo especializado.

A função educadora do crítico desportivo não se limita ao simples enumerado dos nomes dos concorrentes, do primeiro ao vigésimo classifi-

cado, o que pode talvez satisfazer a vaidade daqueles que rejubilam vindo nos periódicos o seu nome em letra de forma, mas nada serve ao progresso e a propaganda da modalidade a que se dedicam.

O atletismo acabou também, a sua época de actividade, uma época anémica e indolente que marcou um nítido retrocesso sobre as precedentes.

Mário Pôrto, atleta de classe, trabalhador e estudioso foi a Turim, precisamente sacrificado pela força das circunstancias, representar Portugal nos campeonatos da Europa. Falhou na sua prova, como era lógico, mas deve ter colhido ensinamentos que podem ser proveitosos, caso elle queira, para o atletismo nacional.

A crise de 1934 foi tão grave que abriu os olhos aos dirigentes e desmascarou a incompetência dos coveiros. 1935 correrá sob novos auspícios.

O atletismo é o primeiro dos desportos terrestres, e merece ser olhado com uma atenção especial. Á custa de muito trabalho honesto, de enorme persistência e grandes sacrificios, conseguiu-se para elle a estima do público e uma afluência de adeptos que fazia prevêr, apesar das dificuldades materiais da prática, um progresso seguro e animador.

Hoje tudo ruiu; não há praticantes, não há concursos nem há público.

Os primeiros fartaram-se de lêr que bons eram os que perdiam, os segundos sumiram-se por indiferença dos dirigentes, o último está como o gato escaudado: impingiram-lhe por celebridades tanto valôr nulo que já nem um espectáculo da classe do Portugal-Catalunha o convence a comparecer no Estádio.

Meditemos estas amargas verdades, que estão no espirito de todos, mas ninguém têm tido a coragem de proclamar e procuramos reconstruir o edificio que deixamos minar pelos parasitas nefastos.

Salazar Carreira.



Aguiar da Cunha, a grã-de-revelação da temporada ciclista

SORRISOS MORTOS

Jóvens formosas que estareis sorrindo ao folhear estas páginas que a nossa dedicação reuniu para vosso entretenimento, grande mágoa é a nossa ao ter de vos lembrar a terrível caveira que há muitos séculos, desde que o mundo é mundo, se obstina em vos gritar:

*Eu já fui o que tu és,
E tu serás o que eu sou.*

Tanta beleza fanada pelo Tempo, tantos encantos petrificados pela Morte!

Direis talvez, jóvens formosas, que essas verdades tantas vezes apregoadas pelos ascetas franciscanos vos passam já despercebidas como o raiar de alva e o conseqüente pôr do sol. Lindos quadros, mas quadros de todos os dias. Temos a certeza, porém, de que nunca pensastes a sério na derrocada da vossa beleza e que, num orgulho aliás natural e muito feminino, apenas vos preocupa o que hoje sois e o muito que podereis preocupar os vossos numerosos admiradores.

Em boa verdade, tudo isso é pouco, tudo isso é nada.

Quantas vezes as vossas avózinhas, após terem contemplado um lindo retrato do tempo em que foram formosas e requestadas, responderam às vossas perguntas com um sorriso contrafeito, e foram, em seguida, esconder-se no seu quarto, bem fechadas por dentro, bem isoladas, para que ninguém pudesse ouvir os seus soluços.

Triste coisa é o envelhecer!
Nada existe mais pungente do que a evocação do tempo que passou e que tão grato nos foi. Se, na encosta da vida, paramos um momento para contemplar a cidade portentosa da nossa juventude, apenas descortinamos um vasto cemitério guardado por velhinhos que nem já conhecemos.

Lindos sorrisos de outrora!
Sempre ouvimos falar com desvanecimento do sorriso da Gioconda até mesmo àqueles que nunca viram de perto a famosa tela de Leonardo de Vinci. Aquele sorriso imortalizou-se, não só por ter sido fixado pelo pincel dum grande artista, mas porque nenhum de vós viu envelhecer essa deliciosa Monna Lisa do sorriso enigmático.

Razão tinha D'Annunzio quando aconselhava o isolamento à sua Duse, apontando-lhe o exemplo da princesa Glannegg que se tornara prisioneira do Tempo dentro das paredes frias e sem espelhos dum castelo sombrio e misterioso como um túmulo. Ninguém, nem mesmo os criados a viram envelhecer. E assim, tendo dado uma festa

deslumbradora, no dia em que adivinhou a vinda da primeira ruga, despediu-se da vida — e toda a gente continuou a vê-la, através dos tempos, sempre linda, sempre deliciosa e sempre encantadora, tal como no último dia em que a admirou e aplaudiu.

A orgulhosa aristocrata vienense de que nos fala o genial autor de «Il Fuoco», emendou a mão da Morte nem sempre compassiva, e não ouviu as lamentações piedosas dos visitantes das ruínas da sua beleza.

Formidável exemplo êsse que tantas lágrimas custou à decrepitude da intérprete da «Figlia de Jorio»!

Ora os três sorrisos que enfeitam esta página são três sorrisos mortos e por isso mesmo eternos. Pertenceram a três atrizes roubadas à vida na flor da idade, ainda quando a primeira ruga estava a muitos anos de distância. Foram colhidos com toda a fidelidade por uma objectiva fotográfica e sem a fantasia dum artista que os beneficia e, segundo a sua inspiração... Sorrisos mortos que hão-de manter-se, através dos meses e dos anos, entreabertos por uns lábios moços e lindos, embora gelados pelo beijo da Morte redentora.

Conhecemos as três artistas. Ana de Oliveira tinha vinte anos peregrinos de graça e perfeição quando desceu à sepultura. Quando a vimos



Margarida Ferreira

Aldina fitou o espelho, viu-se linda, sorriu enlevada em si mesma, e murmurou:

«Quero ficar assim para sempre!»

E ficou.

E assim que a vemos e continuaremos a vê-la através dos tempos.

Outro sorriso que a morte colheu e petrificou O de Margarida Ferreira que tinha a frescura duma papoila rociada pelos orvalhos matutinos. Essa actriz que, num curto prazo de vida artística, conquistara um público muito seio, estava talhada para ir longe. Nunca a vimos triste. Da ultima vez que a vimos subindo o Chiado, parou a contar-nos os seus projectos de arte. Sorria sempre, deliciosamente, nimbada de esperanças. Tinha a certeza de que havia de triunfar inteiramente... Aguardamos o futuro — e sobre a nossa mesa de trabalho caiu a notícia angustiante: «Morreu a actriz Margarida Ferreira».

A Morte, que não escolhe idades, tinha cometido um crime sem perdão. Que seria feito dos planos artísticos dessa rapariga inteligente, cheia de esperança num futuro que se vislumbra tão risinho? Que seria feito de tantos sonhos belos? Tudo se desmoronara numa catástrofe irreparável. Restava-nos apenas o sorriso dessa linda actriz, um sorriso que tinha a frescura da papoila e que a Morte colheira e petrificara.

Entretanto, os anos vão correndo e os rostos lindos que conhecemos vão-se cobrindo de rugas. Chegará um dia em que não possam sorrir. Esses mesmos olhos que deslumbraram plateias hão-de poisar-se, mortiços, numa fotografia amarelada pelo tempo e hão-de marejar-se de lágrimas de saudade. Esses mesmos lábios, que foram viçosos e atraentes, hão-de entreabrir-se num murmúrio doloroso: — «Eu já fui assim!»

Jovens formosas que estais folheando estas páginas, perdoai esta triste evocação que vos fazemos. Não é por crueldade, acreditai.

O remate daquela cena magistralmente traçada pelo genial cantor d'«A Morte de D. João» sobre a vida miserável do pobre cavador que, ainda com estrélas no céu, chovesse ou ventasse, era despertado pelo dever de ganhar o pão para a família, toca-vos mais de perto do que, à primeira vista, poderia supôr-se.

O cavador supplica uns minutos mais. Lá fóra cá a geada e ele anda tão mal enroupado. E a Aurora responde:

«Se hão-de ter afinal um misero destino,
Andando como tu, ao frio, ao vento, à neve...
Não te levantes, não!... Antes a Morte os leve.»

Sim, jovens leitoras, se amanhã o Tempo hão-de cravar a garra adunca nos vossos rostos lindos, se sobre os vossos cabelos negros como o ébano ou loiros como os trigais a velhice hão-de espalhar o seu manto de neve — piedade, Senhor! — antes a Morte vos leve.



Aldina de Sousa

estendida no seu caixão estreito, ainda entreabrindo o seu sorriso de sempre, pensamos no êxito que ela iria obter quando lá no céu desse a sua festa artística com «O Leque de Lady Margarida».

Da última vez que lhe falámos em sua casa, perguntando-lhe qual a rua lisboeta que mais lhe agradaria para habitar, respondeu-nos fazendo graça:

«Enquanto fôr artista, na rua da Victória; se deixar de o ser, na rua do Amparo; se constituir família, na rua dos Bemcasados; se tiver de ser mãe, na rua do Bom Sucesso; enquanto tiver saúde, na praça da Alegria; e quando estiver com os pés para a cova, na rua da Boa Morte.»

E, ao dizer isto, sorria meigamente como a acalentar um sonho lindo... Morria dali a meses.

Pobre Ana de Oliveira! O seu sorriso é e há-de ser sempre o mesmo.

Outro sorriso morto: o de Aldina de Sousa, uma artista que teve noites de verdadeiro triunfo perante as plateias mais exigentes. Quando nos deram a triste notícia do seu falecimento, lembramo-nos logo da história de Radiana, a prisioneira do Tempo no palácio de Glannegg. Aldina de Sousa quis ficar gravada na retina dos seus admiradores com o seu lindo sorriso de sempre. Se envelhecêsse, os seus lábios enrugariam e, quando sorrissem, apresentariam o aspecto desolador duma ruína de gengivas decarnadas. Não se suicidou, acreditámos. Mas, no dia em que a Morte veio sentar-se-lhe no leito,



Ana de Oliveira



A deliciosa mentira dos lábios

que a aplaude. Ninguém lhe pergunte se é inteiramente feliz... Quantas vezes terá subido ao palco, a disfarçar uma lágrima teimosa que destoaria do seu riso tiilante como guiseiras de ouro.

Eis o sorriso de Maria Neves, sorriso viçoso como uma rosa purpúrea em manhã de primavera que nos encanta, que nos alegra, que nos empolga. Mas quem a tem visto desempenhar papéis impregnados de sofrimento, transformada na verdadeira estátua da Dôr, adivinhará, por certo, que só um profundo conhecimento das amarguras poderia dar uma tal fidelidade de expressão.

E o sorriso de Filomena Casado, que inunda de luz todo o palco e toda a plateia e pode dispensar os efeitos dos focos eléctricos. Esta artista é uma estátua viva, enebriante, graciosa, deslumbradora, mais perfeita do que a Vénus de Milo, porque tem braços... e porque sabe sorrir. Mas, se repararmos bem, algumas vezes o seu lindo colo arfa confragido enquanto os seus lábios mentem um sorriso.

Dina Teresa sorri. Mas o sorriso desta querida artista não tem o travo gaiato de que a baixa-plebe tanto gosta. Sorri ingénua, parecendo por vezes alheada d'êste mundo. O seu sorriso não pode ser compreendido por toda a gente, é um licor fino de mais para ser apreciado na Mouraria. A semelhança duma outra Teresa que foi santa, esta artista anda envolta num misticismo suave que nos emociona.

Hortense Luz patenteia a sua alegria na vivacidade das suas personagens. Aquela figurinha, que desliza com a leveza dum voo de toutinegra, e se aproxima num avanço coleante de serpente, sorri, mas apenas porque se apercebeu de que o seu sorriso representa uma arma poderosa contra nós.

SORRISOS meigos, deliciosos e provocantes, arautos de encantamento suave, alvoradas de ventura que nos doirais os horizontes da existência, sêde benditos!

A nossa alma pungida, sentindo a necessidade de esquecer as suas amarguras, procura a vossa alacridade postiça para se distrair e contagiar-se da vossa falsa alegria.

No teatro, por exemplo, rimos com o riso das artistas, acompanhamo-las nas suas gargalhadas, enlevamo-nos na sua vivacidade, chegamos a acreditar, em suma, que elas são o contentamento personificado e que a sua alegria é tanta, tanta, que a podem repartir connosco.

E, no entanto, quantas vezes as atrizes riem com vontade de chorar!

Eis o sorriso de Beatriz Costa, a estrêla querida das plateias... Enche o teatro e tem o poder de alegrar uma multidão enorme



Completamos êste «bouquet» de mentiras deliciosas com o sorriso de Maria Sampaio. Merece lugar de honra porque tem majestade. Nas histórias maravilhosas das «Mil e Uma Noites», a subtil Sherazade deveria ter sorrido assim para convencer o terrível califa. E nós — miseros mortais de hoje e eternas crianças de sempre — gostamos de ouvir contar os prodígios da lampada de Aladino... e de ver sorrir a atriz Maria Sampaio.

Sorrisos de artistas, viçosos como rosas de tocar em manhã de Abril, que nos alegras na nossa tristeza, que nos velais as agruras da verdade pungente com o nimbo da vossa abnegada mentira, sêde benditos!

A nossa intenção não é imitar aquele sábio que, na fria solidão do seu laboratório, quis analisar uma lágrima colhida num olhos belos, profanando-a na irreverente pesquisa das retortas. Não queremos cometer idêntico sacrilégio com os vossos sorrisos, artistas encantadoras da nossa terra, embora reconhecemos que êles representam uma deliciosa mentira dos lábios.

A mentira é, por vezes, mais compassiva do que a verdade que, na sua rigidez marmórea, não sabe confortar, nem espalhar balsamos nas torturas da nossa alma pungida e alanceada.

Continuaremos a embriagar a nossa amargura com o seu perfume capitoso — e que nunca se aparte de nós essa ilusão!



Afonso Henriques entrou há setecentos e oitenta e sete anos triunfalmente em Lisboa, a mais bela cidade

que a sua alma cubiçosa de guerreiro poderia ter sonhado.

Setecentos e oitenta e sete anos — vai fazê-los em 24 do corrente (1) — e Lisboa continuava jovem e cada vez mais encantadora!

Razão tinha o filho de D. Tareja para se enamorar tão loucamente.

Havia muito que a formosa rainha do Tejo o atraía e fascinava. Lá de longe, o rei Afonso imaginava a inspiradora dos seus sonhos encerrada nas quatro paredes dum harem moirisco, e planeava a melhor maneira de a libertar e rodeá-la da majestade a que tinha direito.

(1) O dia da entrada dos cristãos em Lisboa não se pode determinar precisamente pela narrativa do cruzado inglês; mas o que desta resulta forçosamente é que foi a 23 ou 24, quinta ou sexta-feira, começando a saída dos saracenos no sábado, como nessa narrativa é expresso. O *Indulgentium* põe em 25 a entrada do rei, o que é inexacto. Dodechino e Arnullo fixam a consumação da vitória a 21, considerando a cidade tomada no dia da suspensão de armas e da entrega de reféns. A crónica primitiva dos godos põe a entrada numa sexta-feira, isto é, a 24, o que expressamente diz (ix cal. novembr.) o exemplar parafraseado de Rezende. Talvez isto seja o mais crível, supondo que se gastasse a quinta-feira em tomar a decisão sobre o juramento de fidelidade ao rei, na execução deste acto, e em resolver a forma da entrada e entrega dos despojos.

Nota de Alexandre Herculano à sua *História de Portugal* — Livro II, pag. 46.



D. Afonso Henriques

Mas o moiro não largaria facilmente a presa. A prova da sua resistência manifestára-se pouco antes na tomada de Santarem que não podia comparar-se a Lisboa.

Era necessário, portanto, calcular bem o golpe. Não bastava a valentia tantas vezes provada em combates sangrentos, era indispensável a urdidura dum engenhoso plano.

Afonso Henriques, cubiçando Lisboa com a louca paixão dum namorado, preparava um rapto audacioso, que doutra maneira não conseguiria chamar-lhe sua.

Antes de apertar o cerco, apoderou-se das fortalezas dos arredores, como Sintra e Mafra, para mais seguro abastecimento das suas forças e gados.

Pouco antes, encontrando-se no alto do castelo de Sintra, viu aparecer no mar uma frota de cento e oitenta velas que demandava terra em direcção à rocha.

— Parecem cristãos — disse Afonso Henriques, dirigindo-se a Fernão Monteiro, alcaide de Mafra e o primeiro Mestre de Aviz que houve em Portugal — vai vêr quem são e qual o motivo da sua vinda.

Nessa luzida frota vinham entre muitos condos e outros grandes senhores, Mossem Guilhem, o "da longa espada", que, sendo conde de Lincoll, era considerado o melhor cavaleiro da Inglaterra e da França; Childe Rolym, de pequena estatura e alma sedenta de aventuras; Dom Liberche, um valente com dezasseis combates e outras tantas vitórias, e Dom Ligel, mancebo de olhar ardente e ânimo de leão. Eram todos cristãos vindos da Alemanha, da Inglaterra e da França, e propunham-se a guerrear os moiros, inimigos da sua Santa-Fé.

Acceitou D. Afonso o auxílio que tão oportunamente lhe era oferecido e marcou o dia para ser posto o cerco à cidade. Se fôsse bem sucedidos, metade do espólio seria do rei português e a outra metade oferecida aos estrangeiros.

HÁ QUASI 8 SÉCULOS...

A sempre jovem e formosa Lisboa vai completar 787 primaveras

Afonso Henriques seguiu por terra, e os estrangeiros por mar. Assim, a resistência dos moiros seria enfraquecida por este duplo assalto. O monarca português assentou arraial no campo que serviu para edificar a igreja de S. Vicente de Fóra, e os estrangeiros seguiram para o poente e saltaram no local designado hoje, por freguesia dos Mártires. Segundo o cronista Duarte Galvão, "quando veio o dia dos Mártires S. Crispino e S. Crispiniano, que é aos vinte e cinco dias do mês de Outubro, andando a era do Senhor em 1147 anos, foi a cidade muito rijamente e com grande determinação combatida..

Os moiros defendiam-se com ardor. A entrada foi feita principalmente pela porta de Alfama. A peleja lá dentro foi encarniçada e feroz. Os moiros lutavam com desespero e vontade de morrer junto de suas mulheres e de seus filhos. Foi então que Martim Moniz se sacrificou, ao atravessar-se na porta do castelo, impedindo assim com o seu corpo que a única entrada se fechasse.

Passava-se isto no dia dos Mártires, como diz o cronista Duarte Galvão. Ora, nesses tempos de devoção, uma reliquia veneranda assentaria bem na beleza da cidade tomada. Tinham falado a D. Afonso Henriques no corpo de S. Vicente que fazia grandes milagres. Dizia a lenda que um tal Daciano, enviado de Cesar, ordenara a morte do santo varão, e que, sendo o cadáver atirado às feras, baixara do céu um corno a defendê-lo. Daciano mandou deitar o cadáver ao oceano para que as ondas o deslizessem. O corpo flutuou sempre até que foi recolhido por uns cristãos que piedosamente lhe deram sepultura em local oculto. Deste local andou D. Afonso Henriques à procura durante vinte cinco anos.

Em 1173, foram ordenadas novas pesquisas, sendo encontrada finalmente a campa do Santo Mártir. Transportado o cadáver para Lisboa, foi colocado na Sé.

Notou-se então que o corno, que sempre o acompanhara, escolhera para poiso a sepultura do Santo, "como quem o não queria desamparar..

Lisboa tinha o seu santo padroeiro, tinha beleza, tinha encantos, que mais poderia desejar?

Afonso Henriques rodeou-a de todos os mimos e confortos. Bem lho pagou a caprichosa princeza do Tejo que nunca perdeu os maus hábitos do harem moirisco em que vivera!

Até hoje — e já lá vão 789 anos — ainda não teve um bloco de granito a perpetuar a memória do rei que a fez portuguesa e cristã.

Nota-se-lhe ainda uma tendência enorme para os bairros da Mouraria, Alfama e outros que lhe recordem o seu passado crapuloso nos braços dum emir sensual.

Hoje, na porta do castelo, onde Martim Moniz teve morte gloriosa, o busto do esforçado guerreiro apresenta o nariz partido por uma pedrada sacrílega...

Lisboa — pelo visto — nunca perdoou que a arrebatassem à indolência duma vida devassa sobre cochins moiriscos e entre fumos capitosos e excitantes de que o Alcorão tem o segredo.

Embora tivesse afagado o seu conquistador numa ternura posição de cortezã, nunca lhe quiz, nunca o amou, nunca lhe agradeceu os benefícios recebidos.

Mas uma tal ingratidão estava-lhe na massa desse sangue moiro que lhe corria nas veias.

Quando o rei D. Fernando, que lhe queria como às meninas dos seus olhos, empenhou a baixela para lhe comprar um cinto de diamantes, a pérfida beijava às escondidas o conde Andeiro e outros que emporcalhavam o brio e a honra do generoso soberano.

Fingiu-se garrida e satisfeita com todas as dádivas do pobre D. Fernando que tremia só de pensar em perdê-la. Por isso, num zelo muito natural,

Lisboa antiga (gravura publicada na obra de Giorgio Branzi)

a rodeou de muralhas, não fôsem os mouros cubiçá-la outra vez para os seus harens. E Lisboa sorria e parecia feliz por sentir-se tão amada...

Mas, logo que lhe foi possível, quebrou o cinto que a mantinha em recato e desceu à lama das devassidões.

A Oola e a Óliba do profeta Ezequiel seriam duas canduras ao pé dela!

Hoje, que se comemora a sua conquista, daremos a palavra a Alexandre Herculano que com mais autoridade definirá os defeitos da formosa rainha do Tejo:

"Até aí escondida para além dos seus muros, abrigada aos pés do seu castelo moirisco, que era apenas o que se via ao longe, como envergonhada da sua pequenez, confrangia-se e apoquentava-se a si própria na cinta de muralhas de que a cercara D. Fernando, cioso da sua formosura. Era então como a filha donzela e inocentinha do honrado e guerreiro Portugal, bom soldado da idade-média, a quem riquezas de conquistas e embriaguês de glórias fizeseram dissoluto, e a dissolução fez antes da velhice caduco. Lisboa, a sua filha, graciosa, pudica, pura na antiga pobreza, cresceu na abundância e no luxo, quebrou o cinto que lhe dera o último rei da primeira raça e, trepando ao monte ocidental que a encobria, sorriu-se e chamou, como mulher perdida, os estrangeiros que passavam. Êles, mais corrompidos do que ela, saciaram-na de vícios e de abominações. Hoje aí está assentada ao lado de seu velho pai. Êle, veterano tonto, afasta os farrapos que o cobrem e mostra as cicatrizes de mil batalhas e, levando a mão à fronte calva, procura os louros de novecentas vitórias; mas as cicatrizes estão cobertas de vermes, os louros desfolhados por mãos de nações de que há dois ou três séculos havia já tal qual notifi-



Lisboa, a form de sempre (Desenho de Francisco de Hollanda)

ca no mundo. Ela, vestida com andrajões de brocado, ainda formosa, mas descorada e abjecta, que sorriu-se lascivamente aos estranhos; porém os estranhos que passam, se honestos, seguem à frente, meneando a cabeça; se corrutos, passam uma noite no seu regaço e, ao partir no outro dia, cospem-lhe nas faces, dando uma gargalhada.

"Cidade, donzela e pura do século xvi, porque rasgaste o teu véu de inocência? Porque quebraste o cinto que te dera o rei que tanto te amou? Porque te aproximaste à foz do Tejo, convocaste os estrangeiros, e converteste a tua morada em lupanar?..

Lisboa nunca respondeu ao trovejante solitário de Vale de Lobos.

Hoje, porém, consta-nos que está em via de regenerar-se, e vai levantar finalmente uma estátua ao seu amado rei D. Afonso Henriques que a arrancou dum prostíbulo moiro, lhe deu foros de honesta e a levantou até si para que, ao brilho duma majestade fulgurante, mais realçasse a sua beleza inconfundível.



OLISIPVSIVE V.T. PEAV: TVSTA. LAPIDVM INSCRIBIT

A mulher do Minho é sem dúvida uma das mais belas elegantes e graciosas de Portugal. E no Minho, é a mulher do

A MULHER DO MINHO

districto de Viana, a que mais se salienta, pela sua desinvoltura, e sobretudo, por se manter fiel ao seu tradicional traje, o mais bonito de todo o país e talvez até de toda a Europa. As pessoas que visitam a cidade de Viana apenas uns dias e que não conhecem os seus antigos costumes vêm de lá desanimadas e dizendo, que o traje regional está perdido, que as raparigas andam de saia travadinha, seguem a moda e abandonam o seu traje. É um erro. A rapariga da cidade, a tricãna, nunca usou esse traje. Seguiu sempre pouco mais ou menos a moda a que junta um avental de veludo com o seu laço de "moirée," atado na cintura.

O tradicional traje é usado nas freguesias rurais do districto, e de freguesia para freguesia, tem pequenos particulares. É por isso que na cidade é conhecido por "traje à lavradeira," esse lindo costume, que no Carnaval tanto se tem vulgarizado, mas que só a vienesa sabe usar, com elegância e garbo a que a sua linda estatura não é alheia. Em Santa Marta, Portuzelo, Serreleis, Perre, Areosa, e Afife a mulher mantém o seu traje em toda a sua pureza, desde a chinelinha bordada e meia branca arrendada, até ao grande lenço de franjas. E era preciso que a mulher do districto de Viana não fosse filha de Eva e, portanto "coquette," para abandonar um traje que tanto faz revelar os seus dotes naturais de beleza e graça. As raparigas do campo dos arredores de Viana, apesar do trabalho pesado que desde criança as esmaga, são em geral altas, fortes, esbeltas, de formas perfeitas e têm um andar e um porte altivo, a que não é talvez es-

tranho o hábito de trazer à cabeça, pesados carretos, que as obrigam a trazer o corpo direito, num perfeito equilíbrio. A mulher desta região tem uma grande intuição artística, dos gestos e das atitudes e um gosto marcado por tudo o que é belo. É provável que tenha influência o lindo traje que usam e que é feito nas aldeias por elas próprias. Os tecidos das saias, os bordados das camisas e dos coletes recamados de lantejoulas e de bordados a lãs de côres sobre veludo preto, são obras das suas delicadas mãos, que os asperos e rudes trabalhos de campo, não conseguem estragar. Numa provincia onde o homem, muito imigra, a mulher tem de predominar e é o que sucede no Minho e nos arredores de Viana.

Quem teve a felicidade de vêr este ano a Parada regional de Viana do Castelo, nas festas da Agonia, fica fazendo uma ideia perfeita do valor da mulher naquela região. Os seus organizadores senhores Dr. João da Rocha Paris e Manoel Couto Viana, dois espíritos cultos e de artista, viram os seus esforços coroados do melhor êxito e pode dizer-se que o seu melhor auxiliar foi a mulher. Abria a parada, por dois carros de indústria feminina: o carro do traje regional, e o carro dos bordados, esses bordados, que se estão tornando conhecidos em todo o país e que são dum desenho original e ingénio, porque são desenhados pelas próprias raparigas, que os fazem e raro é ver-se dois com o mesmo desenho, são inspirações de momento. Esses carros guardados por lindíssimas raparigas, trajando rigorosamente á vienesa, eram seguidos

por grupo de raparigas das várias freguezias, uma verdadeira apoteose à mulher do districto. Cada grupo que passava era mais belo

e mais interessante e em todas havia esse, à vontade, que dá à mulher a consciência da sua beleza e da sua elegância. Notando-se a alegria sã dessas raparigas bondosas, crentes em Deus, respeitando a sua fé, ainda não contaminadas pela incredulidade e maldade, que torna a alegria das raparigas das cidades um pouco falsa e espectacular. Nos outros carros todos belos e todos representando a vida da agricultura, da indústria e das romarias do districto. Essas romarias que são a recompensa duma vida de trabalho. Alegres, ruidosas e simples, onde as raparigas mostram toda a elegância do seu trajar, a graça da sua voz e a vivacidade do seu espírito na facilidade com que respondem em verso, as afamadas cantadeiras, a quem as desafia; a mulher tinha o seu lugar bem marcado.

No carro da malhada do trigo, da freguesia de Carreço, as alegres moçoilas, com as seus chapéus de palha e alegres canções, davam uma animação extraordinária. O carro da apanha do sargaço da freguesia de Suba, com rapazes e raparigas de fato de trabalho, de tranqueta, chapéus de oleado e botas altas, era dum pitoresco soberbo. Os carros eram tantos e todos tão bonitos, que difícil seria num pequeno espaço e num artigo destes, a todos descrever. O que temos a marcar é a graça da mulher, e a sua naturalidade.

O carro dos pescadores de Viana, um barco cheio de sardinha, dava nas vistas pelas peixeiras que o rodeavam numa luta feroz com as suas cestas, para serem as primeiras a ser servidas, numa gritaria alegre em que não entra o insulto e isto com um tal à-vontade que nos fazia ver a sua vida de todos os dias e nos fazia pensar que vocações de actores e actrizes se estavam ali perdendo. No carro do moínho, da esfolhada, do milho, em todos a alegria era a mesma e nós assistíamos ao desfilar da vida regional, maravilhados com a sua beleza, com a sua actividade e vendo nela um verdadeiro hino à mulher, que tinha nessa parada um lugar de destaque, o que a alegrava sem a envaidecer. No grupo das romarias, as mordomas, com os seus cestos de oferendas todos armados em flores e fio de prata, flores naturais, formando lindos desenhos, eram mais um testemunho do gosto artístico da camponesa dos arredores de Viana. A mulher destes sítios é bela, amável e graciosa. Acolhedora e hospitaleira, religiosa e simples, respeita as tradições e as jerarquias, sem ser subserviente. Mas foi, realmente, nessa parada regional, que todo o seu valor realçou, e não é um exagero dizer que a parada das festas da Agonia foi uma apoteose feérica à mulher do districto de Viana, que sabe manter as suas tradições de beleza, graça e elegância, no seu traje regional, mas que se impõe também pelo real valor do seu trabalho.



Um aspecto da Parada Regional que se realizou em Viana do Castelo

Maria de Eça.

CORRIDA DE IATES

A disputa da «Taça América» constitui uma das provas desportivas de maior nomeada em todo o mundo e desperta entre os povos anglo-saxões o mais vivo entusiasmo.

Participam nas corridas que compõem a prova um iate britânico e outro norte-americano. Sabendo-se que esses barcos são, como regra geral, os mais velozes de todo o mundo, fácil é calcular quanto a competição é renhida.

Por todas estas razões, a disputa da Taça constitui um espectáculo animado e cheio de beleza. Os dois barcos, de perfil afilado e largo volume, cobrem determinados percursos a velocidades prodigiosas utilizando a simples força propulsora do vento, seguidos duma verdadeira flotilha de embarcações que conduzem os amadores deste género de corridas.

As provas deste ano realizaram-se ao largo de Newport, Rhode Island e tiveram início no dia 15 de Setembro.

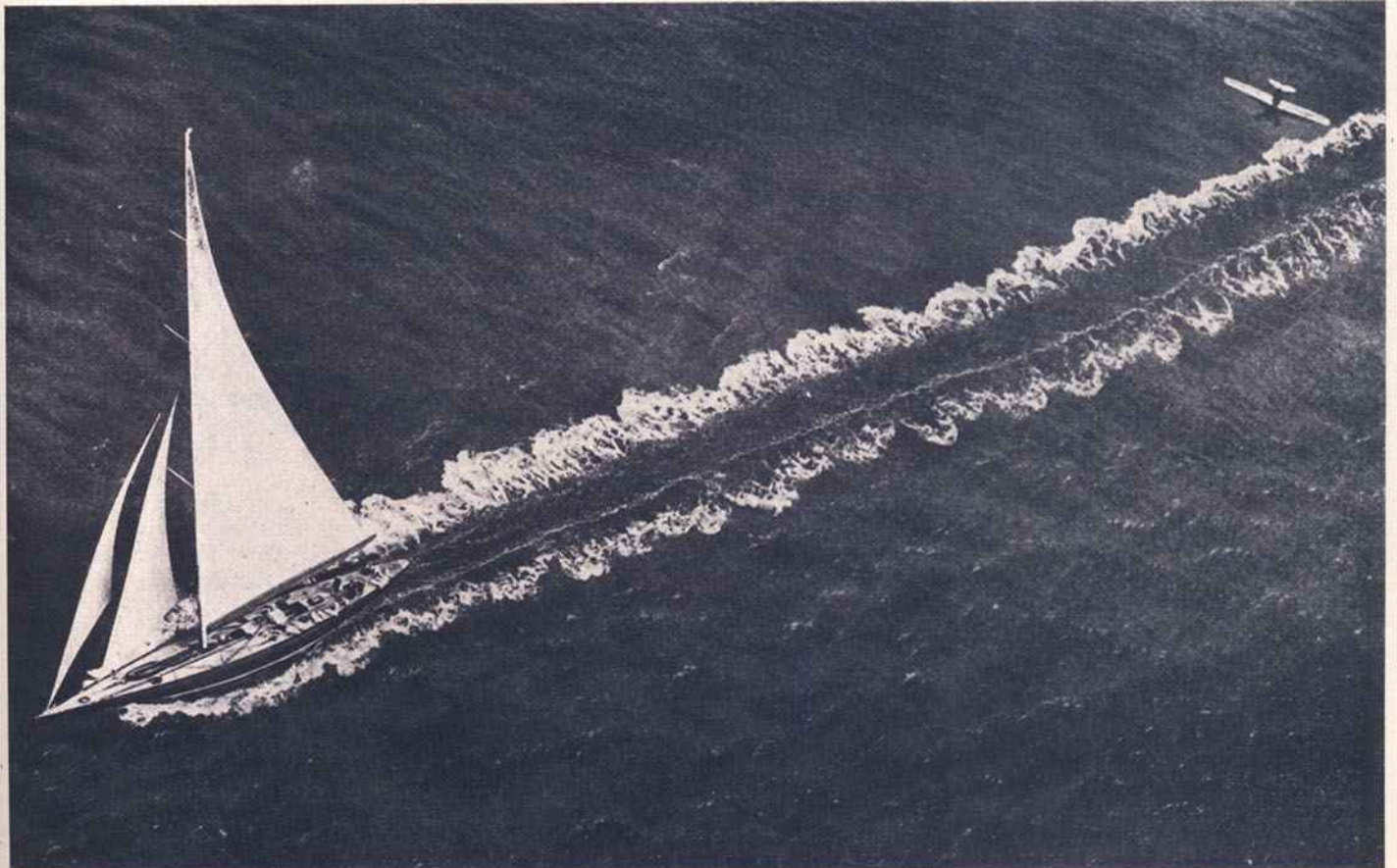
Havia a maior curiosidade em ver quem saíria vencedor de tão árdua competição. Os ingleses punham as maiores esperanças no seu «Endeavour» de que é proprietário T. O. M. Sopwith. Este belo iate, inteiramente construído em aço, fôra objecto dos mais cuidadosos estudos. Nas experiências a que foi submetido antes de tomar parte na prova, revelou possuir extraordinárias qualidades de rapidez e navegabilidade.

Por seu lado, os norte-americanos opunham-lhe o «Rainbow» que já participara noutras provas e demonstrara ser um dos barcos do seu género mais velozes do mundo.

A previsão dos resultados desta corrida era difícil, se não impossível. E isso ficou demonstrado pela marcha da prova.

Umhas corridas terminaram pela vitória do iate inglês, outras com a do iate americano. Algumas foram consideradas nulas. Em conjunto, o júri atribuiu a vitória ao «Rainbow», decisão que levantou protestos e que foi acusada de parcial.

As gravuras que ilustram esta página representam, em cima o «Rainbow» detentor da Taça, e em baixo o «Endeavour», navegando a todo o pano em viagem de experiência. Ao canto superior do lado direito desta última gravura vê-se um avião que voador na esteira do belo iate.





Charles Boyer no filme «A Batalha de Glauco» de Ferrer. dois grupos: o dos alpinistas e o dos cineastas.

Este último é composto por Gustav Diessl, que será o protagonista; Richard Angst, operador, experimentado já em arriscadas viagens às regiões árticas e às grandes montanhas; Andrew Marton, realizador e Jarmille Marton que desempenhará o principal papel feminino.

Algumas cenas foram realizadas num dos últimos acampamentos da expedição situado a uma altitude de 7.000 metros. Daí os exploradores partiram para os mosteiros dos Lamas do Tibet onde filmaram algumas passagens de grande valor documental depois do que iniciaram a viagem de regresso.

Perante Hitler, von Papen, Goebbels, Hess, o dr. Ley e outras altas individualidades do nacional-socialismo alemão, foi apresentado com grande êxito em Berlim um novo filme sobre a guerra de 1914.

O argumento desta película foi extraído do filme «Fé na Alemanha» de Hans Zoberlein e, dado o estado de espírito do povo germânico, é

O famoso coronel Lawrence, êsse extraordinário colaborador do *Intelligence Service* britânico, cujo nome está rodeado de lendas e que desempenhou um papel tão misterioso como sombrio em quasi todos os grandes acontecimentos na Ásia durante e depois da guerra, vai dar também a sua contribuição ao cinema.

Durante muito tempo, o coronel Lawrence repeliu obstinadamente as tentadoras ofertas que vários produtores lhe fizeram para reconstituir no cinema as suas memórias. Acaba porém de ceder ante a insistência de Alexandre Korda, o prestigioso realizador de «A vida privada de Henrique VIII» que aos seus dotes de cineasta alia notáveis faculdades de persuasão.

Korda recebeu por isso autorização especial para extrair um filme dos livros de memórias publicados pelo famoso agente secreto. E para dar a êsse trabalho todo o carácter de sensacional, propôs ao autor para interpretar no filme o seu próprio papel. O herói de tantas e tão terríveis aventuras não se decidiu ainda, porém, a dar uma resposta, receoso talvez das desilusões que o microfone e a máquina de filmar porventura lhe reservem.

No caso de recusar, o que parece muito provável, será o actor inglês Leslie Howard o escolhido para interpretar o papel.

O filme terá por título «Lawrence d'Arábia». Nas primeiras cenas o célebre agente britânico aparece-nos-á no Egipto para onde lord Kitchener o mandou durante a guerra com a missão de dirigir a secção local do *Intelligence Service* e inutilizar os manejos dos espíões germânicos. Vê-lo-emos em seguida na Arábia, colaborando com o *emir* Faïçal, que mais tarde foi proclamado rei do Irak.

Sob a direcção do explorador Dyhrenfurth, de Zurich, a expedição internacional dêste ano ao Himalaia composta de representantes de sete nações, e que tem objectivos científicos e desportivos, empreendeu a realização dum filme que se chamará «O demónio do Himalaia».

Para êsse fim, a expedição foi dividida em



Naurice Chevaller, que começa no próximo ano a trabalhar para a Metro-Goldwyn-Mayer.

CINEMA

Nos estúdios e nos "écrans"

As memórias do coronel Lawrence — Uma grande película

— Uma filmagem no Himalaia de guerra germânica

bem de ver que exalta o heroísmo dos antigos combatentes, constituindo um verdadeiro hino de glória ao Soldado Desconhecido alemão.

O Governo do Reich colaborou na realização desta obra, pondo à disposição dos realizadores alguns destacamentos militares e grande quantidade de tropas de assalto nazis.

As cenas principais do filme giram em volta da batalha do Aisne. Os violentos combates que se desencadearam nessa região foram reconstituídos com grande escrupulo de fidelidade. Os ataques de aviões, as nuvens de gases, o avanço dos «tanks» formam um conjunto de horrores dum extraordinário poder sugestivo.

O espírito que anima esta obra está, sem dúvida, sujeito a sérias críticas pois a exaltação incondicional do patriotismo num povo de guerreiros pode ter consequências funestas. Mas no que todos se encontrarão de acôrdo é que com êste filme, o cinema alemão revive o seu passado esplendor.

Um pouco intimidados com a violenta campanha do clero contra a «moralidade» de filmes, os produtores de Hollywood mostraram-se dispostos a fazer reformas moderadas no espírito das suas obras.

Além das medidas já tomadas nesse sentido e que consistem, como se sabe, no estabelecimento duma espécie de censura interna bastante severa, começa a afirmar-se o desejo de realizar alguns filmes sobre assuntos religiosos. Essa transigência teria, talvez, como consequência aplacar a indignação dos puritanos dos Estados Unidos, em luta contra o cinema moderno.

Anuncia-se já que Cecil B. de Mille vai começar a realizar um filme dêsse género. O seu título será «As Cruzadas». Ricardo Coração-de-Leão será o protagonista e a sua interpretação será possivelmente confiada a Henri Wilcoxon.

Várias outras companhias estão resolvidas a seguir êste exemplo. Mas o recio geral é que o público abandone as salas de projecções no dia em que o novo cinema moralizado, sem crimes nem adultérios, nelas fizer a sua aparição.

Terminou agora a realização em Leninegrado de alguns filmes cuja apresentação é aguardada com vivo interesse.

Entre êles destacam-se como mais importantes «O milagre», de Petrov Kobylina e «A bandeira do Estádio» de Cosatchkoff.

«O milagre» é um filme de propaganda. Conta a história dum velho operário que, sob a influência da primeira russa — a de 1905 — renuncia às suas crenças religiosas.

«A bandeira do Estádio» é um filme desportivo. É a primeira obra dêsse género produzida na Rússia.

Os «gangsters» norte-americanos têm sido, nos últimos tempos, batidos com êxito pela policia mas ainda estão longe de desaparecer e continuam a constituir um perigo real que tira o sono a muita gente.

A supressão da «lei seca», vibrou um golpe terrível nessas associações de malfeitores visto que os privou da sua principal fonte de receita que era o contrabando de álcool. Nestas condições, os «gangsters» passaram a dedicar-se com maior frequência ao roubo e ao rapto.

Mae West foi uma das suas vítimas. Desposada de joias de grande valor recorreu para a Justiça. Tem recebido numerosas ameaças e as autoridades organizaram em torno dela um forte serviço de vigilância para evitar que os bandi-dos pozham em execução os seus desígnios.

Ultimamente, a policia descobriu um plano de alguns malfeitores que tinha por objectivo raptar o pequeno Gary Crosby, filho do actor Bing Crosby. Este foi por êsse facto obrigado a renunciar ao projectado veraneio nos arredores e adoptou rigorosas precauções para o caso dos cúmplices dos bandi-dos presos tentarem um golpe de audácia.

A colónia cinematográfica de Hollywood acaba de ser enlutada por três mortes que se seguiram com pouca distância entre si: Lilian Tashman, Lew Cody e Dorothy Dell.

Os artistas supersticiosos — e todos mais ou menos o são — respiram por agora com mais segurança. Supõem êles que as mortes quando vêm é sempre às três e por isso julgam afastada por algum tempo a terrível ameaça.

O realizador francês Pierre Billon vai dirigir a adaptação ao cinema das memórias de Marthe Richard, célebre espia que, durante a guerra, viveu na Alemanha as mais perigosas aventuras. «Paris-Soir», o grande jornal francês acabou há dias de publicar essas memórias numa série de artigos que provocaram vivo interesse.

Atribue-se a vários artistas de cinema, parentesco com individualidades célebres. Mas os dois casos que vamos citar não são ainda, provavelmente, do conhecimento do leitor.

Dorothea Wieck, a grande actriz de «Rapargas de Uniforme» é bisneta do grande compositor Schumann.

Nathalie Pervier, que tem trabalhado em diversos filmes franceses é filha do grão-duque Paulo da Rússia e da princesa Paley.

Leslie Howard, o notável actor inglês, acaba de fazer um estágio em Hollywood, onde a sua arte é muito apreciada. Durante todo o tempo

que ali se conservou nunca deixou de falar com seu filho e sua filha que se encontravam em Londres, fazendo para isso custosas ligações telefônicas. Diz-se que essas conversas lhe custaram a módica quantia de 8.000 dólares — mais de cento e oitenta contos na nossa moeda. As palavras são como as cerejas — E o caso que relatamos mostra a bela afeição que prende Leslie Howard a seus filhos.

Ana Sten no filme «Nada», extracto do romance de Zola



Depois duma ausência de quasi doze meses, Helen Hayes regressou a Hollywood onde já começou a filmar «O que todas as mulheres sabem», sob a direcção de Gregory La Cava.

O galã será Brian Aherne. Os outros actores são Lucille Watson, David Torrence, Donald Crisp e Dudley Digges.

Madge Evans também toma parte neste filme e acresce a circunstância curiosa de fazer nele o seu primeiro papel de mulher fatal, no desempenho da figura da intrigante Lady Sybill que procura arrebatara a Madge Evans o amor de Brian Aherne.



Jackie Cooper num exercício de cultura física entre duas filmagens

O Governo russo decidiu mandar construir em Leninegrado um imponente «Palácio do Cinema» que se erguerá na antiga esplanada de Newsky. Esse palácio compreenderá uma série de salas cada uma das quais terá um fim especial: exibição de filmes em lingua estrangeira, actualidades, ciências, artes, etc. Foi concedida para êsse fim uma verba de um milhão de rublos.

Gustav Froelich, o conhecido galã do cinema alemão, empreendeu uma tarefa difícil: está trabalhando num filme de que será simultaneamente realizador e intérprete.

A obra chama-se «Aventuras dum rapaz na Polónia» e descreve a história emocionante de dois amorosos que os odios de raça separam irremediavelmente. Gustav Froelich terá a contracenar com êle a formosa Maria Andergast, que é apresentada como uma das mais sensacionais revelações do cinema nos últimos tempos.

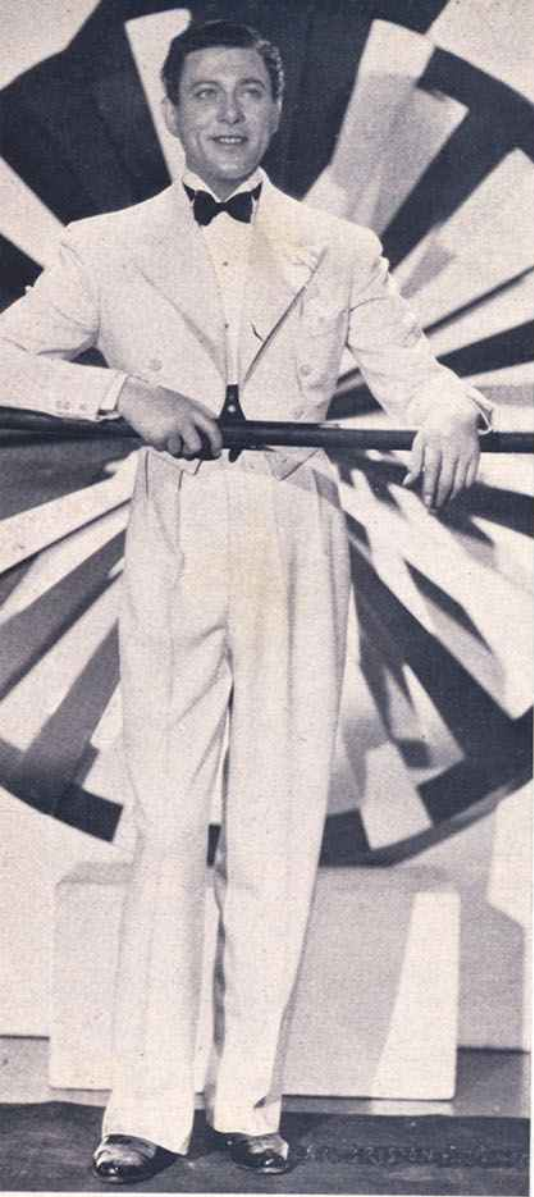
Está terminada a casa minúscula que Colleen Moore mandou construir há seis anos e que constitui uma autêntica curiosidade. Trata-se duma residência moderna, dotada do maior conforto, com instalação eléctrica, água encanada, calefritos, etc., feita na escala dos habitantes de Lilliput. O seu custo foi superior a mil contos da nossa moeda.

A preciosa casa de bonecas vai percorrer as maiores cidades dos Estados Unidos onde será exibida. O preço das entradas revertêr a favor de obras de assistência à infância desvalida.

Há muito tempo que Adolfo Menjou é considerado o árbitro das elegâncias de Hollywood. As suas opiniões são escutadas com respeito e seguidas com cuidado.

No entender do conhecido actor, Ronald Colman é o quem melhor sabe usar um traje desportivo. E Herbert Marshall é o mais apurado no trajear.

Magister dixit... e Hollywood inclina-se.



Os nossos encantadores inimigos têm gasto tanto tempo e tanto fósforo comôscos, que é bom que lhes retribuamos a visita de suas gentilezas e mesmo do seu mau humor por vezes, com o cartão de etiqueta de nossos agradecimentos, pondo de lado qualquer ressentimento ou agravo.

E «senza rancore» como canta a Mimi da «Bohème», não lhe dizemos adeus, mas até à vista, porque por mais inimigos que sejam serão sempre bem-vindos.

Ha muita gente que censura os homens que tratam de si e se apuram na sua «toilette», emprestando-lhes costumes repressíveis.

Ora é justamente aqui neste ponto que nós, mulheres, devemos defender os adões da hora que passa, já que no que toca a qualidades afectivas tão mal deles falamos sempre.

É que, se por suas mentiras e traições que constituem parte integrante do seu ser, mais por imposição da mãe natura do que por sua vontade própria, vamos lá, se por isso, eles nos merecem as mais

Os Adões modernos

ácres apreciações que o despeito talvez dite freqüentemente, no que respeita à sua liberdade de acção, na sua indumentária e acessórios, temos de concordar que estão no seu direito.

Eu não quero dizer que o homem se vá embonecar como a mulher, pintando faces e lábios e rapando as sobrançelas; e, mesmo assim, abro uma excepção para os homens que têm de se exhibir no palco em bailados e quadros plásticos.

Esses podem alargar mais o círculo das suas liberalidades no artifício.

Hão de convir que um bailarino de sobrançelas fartas e rijas como piassabas e de pernas cabeludas como qualquer macaco, seria ridículo e odioso.

Portanto, para estes homens que tem de servir a arte e a beleza temos de ser complacentes e não os julgarmos pelas aparências forçadas neste caso.

Duma forma geral, o homem pode e deve cuidar de si, sempre dentro das exigências da sua masculinidade.

Não vejo porque um homem não seja bem homem, se não traz as unhas sujas, o cabelo emaranhado e o fato cheio de nódoas.

Que mal vem ao mundo se ele der uns golpesitos de ferro nas suas madeixas rebeldes, aparar as unhas em amêndoa e passar por elas o «polissoir»?

Nem por isso deixam de cumprir com os seus deveres de «pater-famílias», os que assim fazem e, francamente, já que as mulheres tanto exageram as suas prerrogativas de cultoras da beleza, é bom que os homens se defendam também dos malefícios da idade.

Dantes, quando se usavam os bigodes retorcidos também eles os frizavam e as barbas igualmente.

Porque não hão de agora dar esses cuidados ao cabelo, sem termos de rir por isso?

Francamente, já lá vai o tempo do jaquetão, e o chapéu de côco passou para o arquivo dos objectos clássicos que um ou outro antiquado, a medo, ousa tirar do ólvio.

O mundo não pára e o progresso manifesta-se em todos os ramos da árvore da vida.

Antigamente os homens, muito antes de usarem calças, embrulhados em clâmides perfumados e coroados de rosas, nunca deixaram de hastear bem alto o pavilhão

de donos aceites e incontestados da mulher.

Agora, com os figurinos modernos que lhes dão maior campo para o aperfeiçoamento de suas presenças, tolos são aqueles que se não aproveitam da ocasião.

Para tudo é preciso critério, é certo.

Dentro das conveniências, podem utilizar-se todos os caprichos da moda e adapta-los ao feitio de cada um.

Lá porque muito é permitido, não se segue que cheguemos aos limites extremos dessa liberdade.

É dever de todo o bom cidadão acompanhar o movimento, ajudando assim a progressão de benefícios para a sua terra.

Isto de nos agarrarmos ao hábito é de mau gosto e não depõe muito a favor da nossa inteligência.

Os cabeçudos é que não saem das suas costumadas calhas.

Mas felizmente ainda há quem compreenda os seus deveres, que não se devem restringir a um egoísmo comodista, mas a alargar-se em visitas largas e generosas.

Se ele agora até há revistas de modas só para tratar do homem e suas necessidades de elegância, mal irá áqueles que não lhes façam bom acolhimento.

Deixem-se de ser antigos e modernizem-se, rapazes — mas não se esqueçam de imprimir na escolha dos «trapos» e arranjos a marca da sua superioridade, sôbre a mulher, banindo o que possa torna-los de uma aparência duvidosa, nunca abdicando dos seus direitos másculos.

E deixem falar quem fala.

Entre um depilado e um orangotango, há escalas agradáveis.

E percorrer essas escalas, elegendo a mais apropriada e a que melhor convenha, é tarefa onde vocês podem afirmar a sua inteligência e o grau de perfeição de seu juízo crítico.

Porque por nós devem começar as nossas experiências de crítica. Para podermos julgar os outros, devemos aprender primeiro a conhecer-nos.

Vejam-se bem, apurem-se no seu exame de consciência, e hão-de chegar á perfeição de seguir a moda, sem amesquinhar-se e sem que os outros deturpem as suas intenções.

Gôsto e critério: eis a questão.

E que ladrem os cães.

A caravana da novidade passará sem dentadas.

Mercedes Blasco.

VIDA ELEGANTE

Festas de Caridade

«CHÁS MAH-JONGS»

No Casino Estoril, realizaram-se no vasto «hall» dois chás «mah-jongs» de caridade levado a efeito por duas comissões de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor de várias obras de beneficência. Podemos dizer que estes «chás» marcaram pela animação e elegância devendo ter ficado plenamente satisfeitas as comissões organizadoras, não só pelo êxito mundano, como sobretudo pelo financeiro.

NO TAMARIZ:

A favor de várias obras de beneficência, realizou-se na tarde de Domingo, 7 do corrente, na magnífica esplanada Tamariz, no Estoril, um grandioso festival de caridade, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, presidida pela sr.^a D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre. Nesta festa tomou parte, além da Banda da Guarda Nacional Republicana, sob a hábil regência do notável maestro Fernandes Fão, que executou um primoroso programa de concerto, um grupo de soldados mirandeses do regimento de cavalaria 7, que se exibiram na célebre «Dansa dos Pauliteiros», e que agradaram muitíssimo.

Houve também venda de sortes, tombola, e «chá dansante», tendo a concorrência sido numerosíssima.

Tarde de elegância

Com uma seleta concorrência realizou-se na tarde de sexta-feira 5 do corrente; uma interessante festa, no salão do teatro do Casino Estoril, intitulada «Tarde de Elegância», organizada pelos nossos colegas na imprensa Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, com um belo programa elaborado pelo empresário António de Macedo e Brito, em que gentilmente tomaram parte os distintos artistas Emília de Oliveira, Maria Sampaio, Maria Salomé, Elisa Guisete, Henrique de Albuquerque, Alfredo Ruas, Artur Duarte, Vasco Santana, Francisco Costa, Pereira Saraiva, Octávio de Matos, os bailarinos Cressy, Charles, Franch e um número de variedades estrangeiro, Erico Braga, o grande animador da Costa do Sol, que fez a apresentação, números que deixaram uma ótima impressão na seleta assistência, em que figuravam as sr.^{as}:

Condessa de Vil'Alva, condessa de Idanha-a-Nova, D. Esmeralda Izilina Ferreira Linhares de Lima, D. Berta Goulart

Caldas Forte, D. Carlota de Araujo Serpa, D. Adelina Santos, D. Matilde Matoso dos Santos e filha, D. Rita de Sommer Pereira, D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte, D. Alice Sousa e Melo e filha, D. Maria de Serpa Temudo, D. Dulce Soares de Albergaria Lopes e filha, D. Julia Camacho Santos, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Virginia Elza de Abreu Franco, D. Maria Cristina Olavo Correia de Azevedo, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Maria José Brazão de Sommer, D. Eduarda Andresen Serrão de Faria e irmãs, D. Tomazia Ereira, D. Felícia Gonçalves Vilar e filha, D. Palmira Lucas Tórrres, D. Ida Brandão, D. Tereza da Câmara de Carvalho Daun e Lorena, D. Judite de Andrade Sanches de Miranda, D. Eugénia Ribeiro da Silva, D. Herminia da Silva Gonçalves, D. Mary Arriaga Posser de Andrade, D. Maria Luiza de Borja Trindade, D. Rosa Barroso de Matos Cid e filhas, D. Maria Amelia Lucas Tórrres de Farinha e filha, D. Izaura Vaz Araujo Santana, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça e sobrinha, D. Raquel Vieira de Matos, D. Ofélia de Abreu Franco, D. Ida Fragoço Alcobia, D. Margarida Lot, D. Mariana de Carvalho Daun e Lorena Lopes, D. Maria Henriqueta Abrantes Pereira, D. Maria Eugénia e D. Sara da Costa Cardoso, D. Berta Belmar da Costa, D. Maria do Loreto, Manuel de Borja Trindade, D. Maria Antónia de Barahona, D. Gracinda de Castro Vaz de Araujo, etc.

Casamentos

Em Sintra, ajustou-se oficialmente o casamento de D. Maria Isabel Gomes Filipe, gentil filha da sr.^a D. Maria Inês Gomes Filipe, e do sr. Augusto Gomes Filipe, com o distinto clínico sr. dr. Filipe Salazar de Sousa, filho da sr.^a D. Maria Teresa Teixeira de Queirós Salazar de Sousa e do ilustre professor da faculdade de medicina de Lisboa, sr. dr. Jaime Salazar de Sousa.

A cerimónia realizar-se-á por todo o mês de Novembro.

— Em Barcelos, realizou-se na capela de São Bento, o casamento da sr.^a D. Elisa Sélles Pais de Vilas Boas, interessante filha mais velha, da sr.^a D. Elisa Sélles de Vilas Boas e do sr. dr. Joaquim Pais de Vilas Boas, com o sr. dr. António Pedrosa Pires de Lima, filho da sr.^a D. Rita Pedrosa Pires de Lima e do sr. dr. Augusto César Pires de Lima, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos. Celebrou o acto religioso, o reverendo Augusto de Araujo, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo coadjuvado pelo prior de Barcelos, e pelo reverendo António de Miranda, primo da



A sr.^a D. Aurelina Lameira, e o sr. Mário Jaime Machado Faria, por ocasião do seu casamento realizado na paróquia de S. Sebastião da Pedreira. Os noivos e convidados à saída da igreja

(Foto Serra Ribeiro)

noiva. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, tendo os noivos seguido para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia igreja de S. José, realizou-se o casamento da distinta médica sr.^a Dr.^a D. Maria Leão, gentil filha da sr.^a D. Ana Baptista Leão e do sr. Abílio Leão, com o sr. dr. Júlio Pedro de Carvalho da Silva, filho da sr.^a D. Maria de Carvalho da Silva e do sr. Manuel Ribeiro da Silva.

Foram madrinhas a sr.^a D. Elisa de Sousa e Barros da Costa Sacadura e a mãe do noivo, e padrinhos o ilustre professor da faculdade de medicina de Lisboa, sr. Dr. Sebastião Cabral da Costa Sacadura, e o pai do noivo.

O acto religioso, foi celebrado pelo prior da freguesia, rev. dr. Alves Lirio que, no fim da missa, fez uma brilhante alocução.

— Com muita intimidade, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria José Baptista, interessante filha da sr.^a D. Júlia Olímpia Barata Baptista e do sr. António Baptista, já falecido, com o nosso «reporter» fotográfico sr. Raimundo Vaissier, filho da sr.^a D. Augusta Lobo Bento e do sr. Carlos Vaissier, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Fernanda Coral e D. Aurora Diniz e de padrinhos os srs. Mário de Barros, nosso colega do «Diário de Notícias» e Diniz Salgado, nosso «reporter» fotográfico e do «Diário de Lisboa».

— Realizou-se em S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Aurelina Lameira, com o sr. Mário Jaime Machado Faria, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Balbina do Rosário Nunes Lameira e D. Palmira Machado de Faria, e de padrinhos os srs. Basílio Felix da Silva Capucho, que representava o pai da noiva, sr. Alfredo Lameira, ausente, e dr. Fernando Jaime Machado Faria.

Casamento da distinta médica sr.^a dr.^a D. Maria Leão, com o sr. dr. Júlio Pedro de Carvalho da Silva, realizado na paróquia de S. José. Os noivos e convidados à saída da igreja

(Foto Serra Ribeiro)





TODOS os anos os moralistas se insurgem contra a nudez nas praias, pré-gam, fazem discursos e cada ano essa nudez vai aumentando ao ponto de julgarmos, que mais além ela não poderá ir, porque já atingiu o vestuário dos mais selvagens negros, do sertão da África: a tanga. Nas elegantes praias francesas do Mediterrâneo, onde o calor aperta, essa tanga para a mulher atingiu o mínimo e o "soutien-gorge", foi abolida. A mulher aparece portanto em completa nudez. Clément Vautel o grande humorista comenta a tendência do nudismo num interessante artigo no "Paris-Soir". Demonstra à mulher que o excesso com que se mostra a faz perder todo o seu interesse.

Quando a mulher tinha pudor e escondia cuidadosamente os seus tesouros de beleza, o homem tinha interesse por ela, tinha a curiosidade de lhe ver o pé, o tornozelo, de lhe admirar um bonito braço.

Hoje que a mulher por completo perdeu o pudor e se mostra em completa nudez, perdeu o interesse e perdeu o respeito do homem. Antigamente nós víamos o interesse que despertava uma mulher bonita ao subir para o eléctrico. Agora as mulheres cansam-se a exibir o seu corpo e os homens passam por elas com um olhar distraído de quem já está aborrecido de ver tanta carne nua, e tanta mulher sem pudor.

Além da má impressão moral que causa, a mulher assim desprotegida, temos ainda a parte estética que deve ser sempre para atender.

Por muito bem feita que uma mulher seja, há-de ter sempre o seu defeito. Lá diz o antigo ditado: "Não há formosa sem senão...". É esse pequeno defeito às vezes imperceptível, à luz crua do sol toma proporções graves que comprometem a beleza da sua possuidora.

Pelo lado moral é uma questão muito séria a tratar, esta da nudez nas praias. Não se pode impor à mulher de hoje, desportiva e nadadora, um traje de banho de cauda como há 60 anos. Mas entre a cauda das nossas avós e as duas tiras de lã cruzadas, nos rins das banhistas de Juan-les-Pins, há uma grande distância que se pode preencher por um fato ligeiro, mas que não ofenda a moral pública. Porque a verdade é esta as mulheres e raparigas, que se apresentam completamente nuas diante de toda a gente, perderam a vergonha e não podem inspirar confiança a ninguém. Como pode um homem escolher para sua esposa, para mãe de seus filhos, uma menina que não hesita em se apresentar despida diante de toda a gente. Que garantia moral pode esse homem ter, de que essa menina tenha a consciência dos deveres, que lhe incumbem como esposa e como mãe? Pudor já ele sabe que o não tem. Educação moral, ou cristã também não. Que educação pode esta menina dar às suas filhas se um dia as tiver? Certamente, que um rapaz que pense a sério na vida, que case para fundar um lar, criar uma família e não apenas para satisfazer um capricho, muitas vezes passageiro, não pode casar com uma rapariga que conheceu nua numa praia e que a seus olhos deve ter a mesma categoria duma "girl", de revista, com a agravante de que a "girl", apresenta-se despida porque a necessidade de trabalhar, a falta de trabalho e a fome, muitas vezes a isso a obrigam, e, a menina-família despe-se na praia dessa maneira exagerada, apenas para exibir o seu corpo, duma triste maneira que nada depende do seu favor. É evidente que a vida ao ar livre, os banhos e o sol são esplêndidos para a saúde mas isso não quer dizer que seja necessário fazê-los de tanga. Há muitas maneiras de tomar banho, há "maillots",

PÁGINAS FEMININAS

e "maillots...". O que se não pode admitir é que aconteça, o que se está passando no Estoril, que seja um cabo de mar, um ruído marinheiro, que tenha de ensinar à mulher o que é o pudor, e, que lhe tenha de marcar os limites que atingem a ofensa à moral pública.

Torna-se necessária uma reacção, é preciso que na mulher renasça a senhora, que se incutam princípios às raparigas e que a mulher moderna que conquistou o seu lugar na sociedade, como ente que pensa, não queira exorbitar e ser uma criatura sem pudor e sem sentimentos e que em vez de contribuir para a reconstrução da sociedade, contribua para a sua dissolução.

Maria de Eça.

A moda

O outono traz-nos com as suas modas uma das mais belas novidades. A mulher cansada das suas "toilettes" de feição um pouco masculina, volta a ser feminina no seu traje e com isso só tem a lucrar a sua beleza. É não só a beleza mas também as maneiras, que mais femininas, farão com que a mulher volte a ter o encanto de antigamente, que os velhos tanto lamentavam ver perdido e a que os novos apesar de o não terem conhecido, sentiam a falta. A moda de outono traz-nos a reevocação de 1912. Vemos os vestidos compridos, os chapéus grandes, as "aigrettes", as plumas, os veludos, emfim tudo coisas, que marcam a distinção e a elegância duma mulher e que se não vulgarizam como os simples feltros d'estes anos atrás. Damos às nossas leitoras alguns modelos da mais alta elegância. Para a noite uma deslumbrante toilette em veludo preto, tule e rendas. A saia em veludo preto é compridíssima toda em volta, formando "traine" o corpo do vestido é formado por tule franzido, com uma pequena "Ruche" na borda. Cobrem-se uma capa em tule e renda colocada em folhos, dum efeito "deslumbrante e verdadeiramente chic". É duma novidade absoluta e a capa tem leveza que junta à suntuosidade da saia de veludo dá à "toilette" uma graciosidade extraordinária e uma grande linha de distinção, sem a qual uma mulher nunca poderá ser verdadeiramente elegante. Nos chapéus marca a



moda, uma evolução que modifica por completo aquilo a que estávamos habituadas. Para de manhã continuam a usar-se os chapéus muito simples e a grande boina em veludo ou em qualquer outro tecido conquistou o seu lugar. Para a tarde e para cerimónia os chapéus grandes, enfeitados a plumas e aigrettes, duma alta elegância. Damos dois modelos: para de manhã uma boina pregueada em tecido de lã bege, farta e ampla, tem o aspecto dum grande chapéu. É simples e elegante. Para a tarde um grande "flamond" à mosqueteiro guarnecido por uma grande pluma frisada. É um chapéu elegantíssimo e que dá à mulher maior realce. Os chapéus grandes e enfeitados têm uma majestosa graça, que faz com que sejam sempre acolhidos pelas senhoras com o maior entusiasmo. A moda de outono é das que fazem a mulher bela e elegante.

Receitas de cozinha

Mousse de camarão: Para 4 a 6 pessoas é preciso o seguinte: 1 quilo de camarões grandes, 2 decilitros de vinho branco, 2 decilitros de água, 50 gramas de cenouras, 50 gramas de cebolas, 3 ramos de salsa e uma folha de louro, 5 gramas de sal, 6 bagos de pimenta, 150 gramas de manteiga fresca, 12 decilitros de geleia de peixe clarificada, 2 decilitros e meio de nata fresca. Cozem os camarões num caldo de 2 decilitros de vinho branco, 2 decilitros de água, 50 gramas de cenouras, 50 gramas de cebolas, uma folha de louro, 3 ramos de salsa, 5 gramas de sal, 6 bagos de pimenta. Depois de ferver meia hora, descascam-se os camarões e guarda-se um terço dos maiores. Com as cascas faz-se uma manteiga de camarão.

Passam-se em peneira fina os vegetais da cosedura e os dois terços dos camarões descascados, juntando à manteiga dos camarões o puré que passar. Este puré mistura-se com 2 decilitros de geleia de peixe por cada 500 gramas de puré, dá-se uma leve fervura, misturam-se dois decilitros e meio de nata fresca meio batida. Põe-se no fundo dum molde uma camada de geleia branca de peixe, com gelo por fora, logo que a geleia esteja fresca colocam-se em coroa os camarões maiores, envolvidos em geleia meio gelada, cobrem-se os camarões com uma ligeira camada de geleia por cima; em estando gelada esta camada põe-se o puré feito com os outros camarões, terminando por com uma camada de geleia. Na ocasião de servir desmolda-se, enfeitando o fundo do molde com uma camada de camarões que se cobrem de geleia.

De mulher para mulher

Dora: Desculpeme que lhe diga mas a sua atitude foi muito pouco feminina e não me surpreende, que é se afastasse. Acho um pouco tarde para o fazer voltar atrás. Deve já ter formado um juízo a seu respeito, que não deve ser muito lisonjeiro. Mas se não é nada assim como confessa, para que toma essas atitudes tão desagradáveis numa mulher? Domine os seus nervos e mostre-se tal qual é. Não queira ser o que chamam modernista e que é em geral uma manifestação de mau gosto.

Maria da Luz: Para a entrada do outono o chapéu de veludo é o mais recomendável, o que virá em seguida ainda se não sabe. A cor é segundo a "toilette" com que se deve usar. O preto é o mais prático porque vai bem com

todos os vestidos, excepto com os castanhos, que só ficam bem com chapéu da mesma cor ou "beiges".

Mary: Depois do seu longo silêncio tive prazer em ter carta sua. Tem na literatura inglesa muito por onde escolher. Leia um livro de Marie Corelli, que é extremamente interessante "The Murder of Delicias". Os livros de Walter Scott e de Dickens são muito recomendáveis a quem quer fazer um estudo da língua inglesa. Tem um autor moderno muito discutido Bernard Shaw. Pouco apreciado pelos seus compatriotas tem um grande público estrangeiro.

Higiene e beleza

INESSAS senhoras se queixam de sofrer da vista. Nada é para admirar. As estadas na praia à hora da luz intensa, acabam por irritar os olhos de quem não toma a precaução de usar óculos escuros. Além disso a quantidade de trapalhadas, que põem nos olhos, por mais inocentes que sejam acabam por irritar também. E deixem-me dizer-lhes que essas coisas em geral não embelezam nada. Modifiquem o olhar sem que o tornem mais bonito. Nos olhos não se deve pôr nada. Sentindo qualquer irritação lavar com boricina. Querendo dar aos olhos um maior brilho têm um meio inofensivo de o fazer. Em água fervida tépida, deitar uns pingos de sumo dum limão fresco e com um pouco de algodão hidrófilo banhar os olhos. O limão torna os olhos mais brilhantes e combate as inflamações. A mulher portuguesa tem em geral lindos olhos e não precisa de "rimel" nem de outros artifícios que há, para fascinar com o seu olhar. Nada mais belo do que uns olhos bonitos naturais, que não lembrem os das estrelas do "cércano".

O regalo volta

Como um filho pródigo da moda, o regalo, volta. Gracioso e prático, completa a "toi-

lette" e agasalha as mãos. Quando e onde nasceu o regalo? Os franceses reivindicam a sua paternidade e fazem subir a sua origem ao reinado de Henrique III, mas parece que em Veneza já se usava no fim do século xv e que só mais tarde foi introduzido em Paris. O primeiro regalo célebre foi o de M.^{me} Nicolai que viveu na segunda metade do século xvi. Era em veludo forrado de marta, ao contrário do uso moderno, que ordena que a pele seja para fora. As senhoras adaptaram a moda dos regalos com entusiasmo e os homens seguiram-nas e usaram também o regalo. Os oficiais iam para a guerra com regalos de pele de tigre ou de lontra, e um dia viu-se em Paris o carasco ir para uma execução, de um condenado à morte, com as mãos escondidas num regalo. Este exemplo não fez

cair de moda o regalo e durante a revolução "Muscadinas" e "Incrayables" passeavam no Palais Royal com as mãos no regalo. Os soldados de Napoleão fizeram justiça aquela ridícula moda, que ficou prerrogativa do sexo fraco. Talvez o único homem que em nossos dias o usou, foi Guilherme II da Alemanha, que antes da guerra, quando ia à caça levava um regalo de pele de raposa. Vai ser acolhido com entusiasmo pelas senhoras o regalo.

A elegância feminina e o automóvel

UM das festas mais interessantes que se tem feito em todas as praias estrangeiras, é o concurso de automóveis, apresentados por senhoras. É o triunfo das fábricas de automóveis e das costureiras, no mesmo dia. Os concursos de elegância feminina em Deauville e em Juan les Pins, foram soberbos, e vieram mais uma vez demonstrar que a França será sempre o país do bom gosto e que se muitas estrangeiras brilham nesses concursos todas elas são parisienses de coração e frequentadoras assíduas do asfalto da cidade-luz. A mulher verdadeiramente elegante, com fortuna de milhões, não quer o carro "serie", igual ao de toda a gente. Quere ter o seu carro, aquele que todas conhecem ao longe, e que se impõe pela sua linha de elegância. É o que os fabricantes de automóveis acabaram por compreender e executaram maravilhosamente, como se provou nesses concursos. Carros lindos duma elegância soberba com todos os aperfeiçoamentos modernos, com todo o requinte do luxo, foram apresentados por lindas mulheres, vestidas com a maior elegância, que não excluía a simplicidade que as praias exigem. Viam-se muitos pijamas nesses automóveis, mas fizeram também a sua aparição as primeiras modas do outono, sobretudo os grandes chapéus em veludo o guarnecidos a plumas, penas e aigrettes.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

CORREIO

Joaquim da Costa. — Bom Jesus — Luanda. — Como não quisemos deixar de atender ao solicitado na sua carta, aqui publicamos o artigo charadístico, porém, transformado em *charada em verso*, porque o logogrifo, em virtude de ser feito e moldado em formas charadísticas há muito banidas em todas as secções, não nos foi possível verificá-lo. Queira o prezado confrade desculpar-nos a deliberação tomada, mas só assim pudemos atender os seus desejos.

Efousa. — Vila Silva Pôrto — Bié. — O ilustre confrade confunde-nos com tanta gentileza. Os nossos maiores agradecimentos pela atenção que dedica a esta modesta página, que, esperamos, continuará sempre a acompanhar como até aqui. A sua valiosa e avultada colaboração orgulha-nos, pela certeza que colhemos do nosso brado chegar a todos os cantos de Portugal. Continuamos a aguardar as gratas notícias do confrade, bem como listas de decifrações.

AVISO

Não sendo ainda suficiente o prazo concedido para todos os decifradores de Africa, a pedido resolvemos atear mais dois números a publicação dos apuramentos. Com esta nova concessão ficam já aqueles confrades dispostos de cerca de quatro meses e meio para decifrar e enviar listas, o que julgamos bastante. Os resultados do n.º 13 devem aparecer no próximo número.

MEFISTOFÉLICAS

1) O *palanço*, quanto mais quer mostrar que tem *juízo*, mais *palanço* se manifesta. (2-2) 3.

Lisboa *Bisnau (T. E. — S. C. L.)*

2) Sou *defeituoso* e amo uma «mulher» uma *mulher desprezível*. (2-2) 3.

Lisboa *Lengueluca (T. M.)*

3) Tenho uma grande *reputação*; Mas como ganho pouco *dinheiro*, Por isso me têm como *pobre*, E ainda por um bom *gaiteiro*. (2-2) 3

Luanda *Ti-Beado*

NOVISSIMAS

4) Foi por «*meio*» de *gôma aromática* que êle se envenenou, ficando *meio-morto*. 2-3.

Lisboa *Anastácio (T. M.)*

5) Não me «*liga*» nenhuma? Que *pena!* Até me sinto *embaraçado*... 2-1.

Lisboa *Antoni*

6) «*Nota*» que o *mau sabor* é *indício* de que a comida está *estragada*? 1-2.

Lisboa *Augustello (T. M.)*

SINCOPADAS

7) Um charadista *elegante*, Em seus trabalhos *perfeito*, Dá sempre a *nota galante* Em qualquer frase ou *conceito*. 3-2.

Lisboa *Bisnau (T. E. — S. C. L.)*

(Para o «*Lemos de Albergaria*»)

8) A moça foi *levada* para a *perdição*, por ambicionar a *fantasia* e o *luxo*. 3-2.

Lisboa *Vidalegre (S. C. L.)*

(Ao confrade «*Olho de Linco*»)

9) Charadista *valeroso* mui *teimoso* e *jurioso*,

Lisboa *Edilva (T. E. L.)*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 20

vou fazer-te rabiar e proporcionar-te o gozo desta charada matar: E' «*peixe*» e bem saboroso, sem ser «*ave*» sabe cantar. 3-2.

Tino de Óbidos (T. E. L.)

METAGRAMA

10) Meu *irmão* causou a *perda* da vida a um *frade leigo*; e eu *arruino-me* por uma *coisa excelente*. (4-5).

EM VERSO

(Para a minha «*bela*» apaixonada)

11) Com o céu escuro e o Sol tão *encoberto*, — 2 Quási que o rosto teu já não *distingo*, Té mal parece que num tal *domingo* O Senhor Deus fizesse um *desacerto*.

Os olhos abro e em vão as mãos aperto — 1 A vêr se a bruma do meu olho *extingo*, Porém mal faço pois que me não *vingo* Da *escuridão* que só me deixa *incerto*;

E' bom deixá-la porém *divertir* E aceita-la sempre, sempre a *rir* Que ela nos deixa e a luz se *clarifica*...

Mas eu não posso idolatrada *pomba* Deixar de ver a tua *bela «tromba»* Por quem a minha lira os sons *duplica*!...

Lisboa *Olho de Linco (T. E. — T. E. L. e Deca)*

(Homenagem ao director da secção)

12) O nosso querido director E' um homem de *talento* Para decifrar *charadas* Ele é *veloz* como o *vento*.

E um *monarca* afamado — 1 Do reino do *charadismo* E não é nada *cruel* — 2 Pois tem bastante *altruismo*.

O reino é muito *falado* E tem bastante *esplendor*, O «*charadista*» que o dirige E' o nosso *director*.

Lisboa

Racso

MARIAZINHA

13) Hoje, o aniversário *natalício*. Com saúde, os outros há-de *passar* Eu *versejando*, com *sacrifício*, Minha filha, p'ra te *felicitar*.

Dezassete de *Agosto*. Lindo dia. Data em que tu *nasceste*, meu *amor*. Do nosso *lar*, és a *nossa alegria*. — 1 E das *flores* és tu a *mais rica flor*. — 1

Treze *anos*. Tão *bonita idade!* Lindos *olhos* e *cabelos* que tu *tens*. Como é *encantadora* a *mocidade!*

E's a *minha fortuna*, e *não* tenho *bens* Para te dar um *brinde*. Que *saúde!* Mas dou-te *beijos* e *muitos parabéns*.

Bom Jesus — Luanda

Teu Pai

LOGOGRIFO

(Ao «*Aviador*»)

14) Eu, se não falo, «*rebeulo*»!... — 4-2-6-5 Na *conjunção* há *trambóia*... — 6-5-3-2 Destruir é seu *intento* — 1-3-7-4 A *cidadela* de *Tróia*.

Lourenço Marques *Silva Lima (T. E.)*

ENIGMAS EM VERSO

(Ao director da secção)

15) Senhor *Ferreira Baptista*, «*Rei-Fera*» aliás, — *emendo*; Consagrado *charadista*, *Director* douto e *colendo!*

Com mais *prazer* eu também, *Vénia* lhe venho *pedir*: Acho justo *transgír* Com o *gosto* de *alguém*.

V. S. Pôrto — Bié *Efousa*

16) Com *duas letras* Das *consoantes*, Formei um *barco*, De *dois mastros*, Mas fui ao *charco*.

Luanda *Ti-Beado*

(Ao «*Édipo*», antigo «*das*» do charadismo)

17) Por entre *duas letras* meter *vais* O *fruto* que *decerto* te dá *sumo*... Vai *caír* no *pano* esta e *muitas* *mais*. Quem se *medir* contigo *perde* o *aprumo*.

Nota a seguir que *nunca* *lisonjeio* Quem *não* vive por certo de *lisonjas*...

Entre *homens* fica mal o *galanteio*. Tal como entre *laranjas* as *toronjas*.

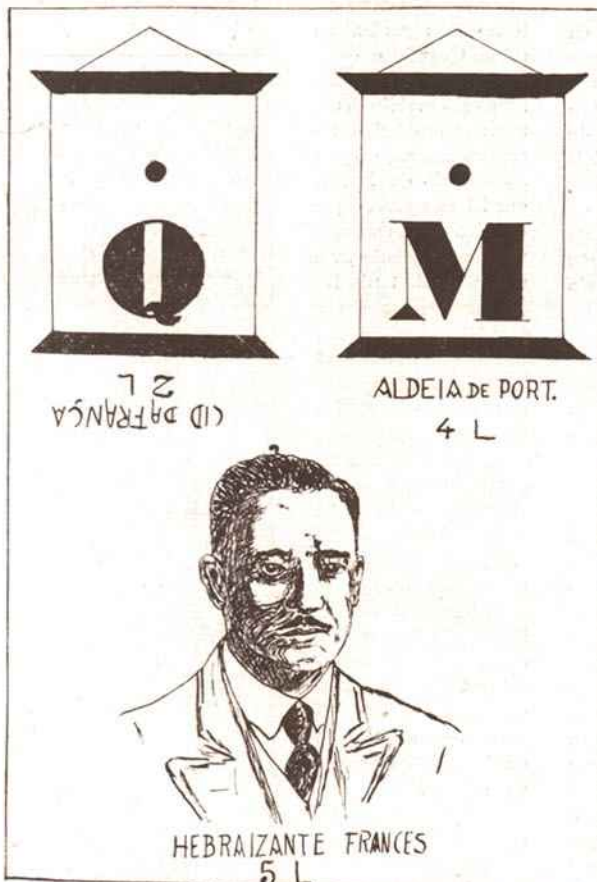
Por fim *cinquenta* *mais* da tua *fôrça* Farão *tremor* os *mestres*. Eu bem *digo*...

Se há *alguem* que os *sinónimos* *reitorça*. «*Zé Gordo*» é teu *escudo* *defensivo*.

Lisboa *Zé Nabo (T. E.)*

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

ENIGMA FIGURADO



Lisboa

Edilva (T. E. L.)

POR ÊSSE MUNDO

O rapto do bébé Lindbergh



A criança mais formosa

CELEBROU-SE há semanas em Inglaterra um original concurso para atribuição do título de «a criança mais bela». Os concorrentes foram em grande número e o júri, composto de respeitáveis avós, viu-se embaraçado para tomar uma decisão. Por fim proclamou vencedores «ex-aequo» os dois garotos que a gravura acima representa e entre os quais não soube estabelecer uma preferência.

Cabe aqui dizer que não se nos afigura prática recomendável esta de organizar concursos de beleza entre crianças. Isso equivale a despertar nelas os germes da vaidade, do orgulho e da inveja que dormem no fundo de todos os espíritos. Reunir crianças que já atingiram um certo grau de consciência, põ-las em confronto e premiar as mais formosas só pode ter efeitos maléficis na formação das almas femininas.

Que, à parte esta circunstância importantíssima, a ideia tem, na verdade, um aspecto estético cheio de interesse. E deve ter sido esse o motivo que influíu no espírito dos organizadores do concurso.

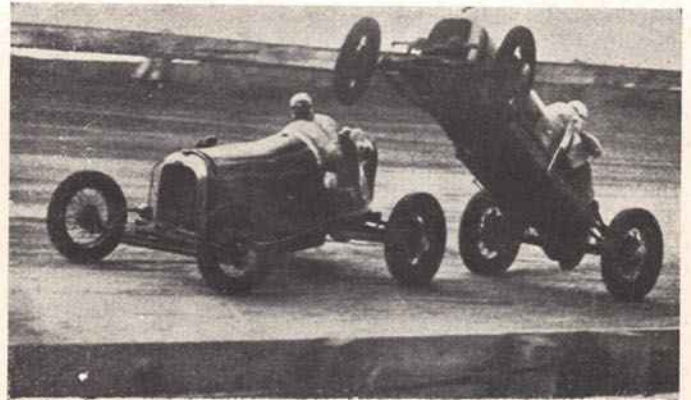
Após muita diligência policial infrutífera, a polícia norte-americana acaba de deitar a mão ao presumível raptor e assassino do bébé Lindbergh. Trata-se dum carpinteiro alemão de nome Hauptmann, contra quem se acumulam suspeitas gravíssimas. A sua participação no rapto parece demonstrada embora ainda não se tivesse podido esclarecer se é também culpado do nefando assassinio do bébé raptado. Entretanto, o juiz entendeu possuir indícios suficientes para o pronunciar por esse crime. Hauptmann corre por isso o risco de ser condenado à fatal cadeira eléctrica. As gravuras do lado representam o suposto criminoso por trás das grades da sua cela e fardado de soldado do exército alemão, a que pertenceu há alguns anos.

Um concurso de «comilões»



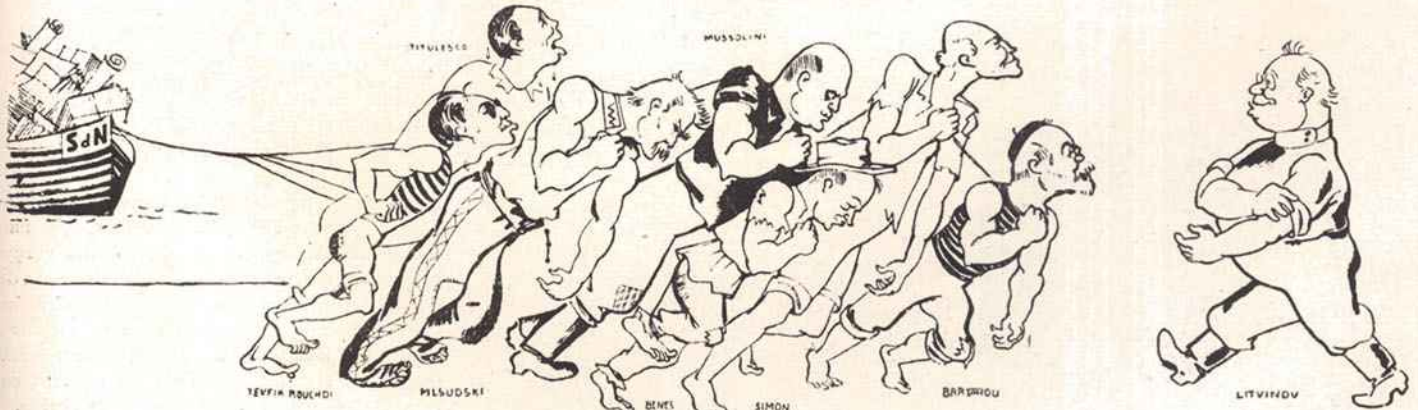
Em Ruão, organizaram-se há dias as «Festas do Ventre» que obtiveram o melhor êxito. Um dos principais núcleos das festas consistiu num grande concurso de «comilões» em que participavam os melhores «garfos» da região. A luta de apetites foi renhida e a vitória coube ao «comilão desconhecido» que se apresentou mascarado, na intenção talvez de não influir desfavoravelmente no espírito dos amigos que porventura pensem em convidá-lo para jantar.

Caprichos do automóvel



Na América do Norte funciona um género de espectáculo arriscado conhecido por *dir-track* automobilístico. O negócio é rendoso porque as suas animadas peripécias atraem um público numeroso. Mas escusado será dizer que é excessivamente perigoso. Um fotógrafo afortunado pôde colher este impressionante aspecto da corrida em que se vê um dos carros prestes a desabar sobre outro com trágicas conseqüências.

A entrada da Rússia para a S. D. N.



Um dos mais espirituosos comentários feitos na Imprensa mundial à tão debatida questão da entrada da Rússia para a S. D. N. é o desenho dos grandes artistas Derso e Kellen que acima reproduzimos. Publicado com a legenda «Barqueiros do Volga» torna-se notável tanto pela concepção como pela semelhança flagrante dos conhecidos estadistas nele caricaturados.



O CARRO DA CAMARA MUNICIPAL.

«Se mais mundos houvesse — lá chegar» era a sugestiva legenda do imponente e majestoso carro alegórico dos mareantes de Sagres, com que a Câmara Municipal do Porto tão brilhantemente contribuiu para o Cortejo do Império e que nele ocupava o primeiro lugar.

Neptuno apontando ao Infante o carro diante do qual se projecta o radioso sonho das descobertas são duas figuras maravilhosamente esculpidas que se impõem. À frente uma pequena caravela, fiel reprodução dos que sulcaram os mares nunca dantes navegados. Dois pequenitos semi-ocultos numa concha de nácar que as espumas rodeiam suportam o brasão da cidade que foi berço do Infante D. Henrique, e na base figuras de mulher, inclinando-se humildemente perante o navegador representavam as cinco partes do mundo.

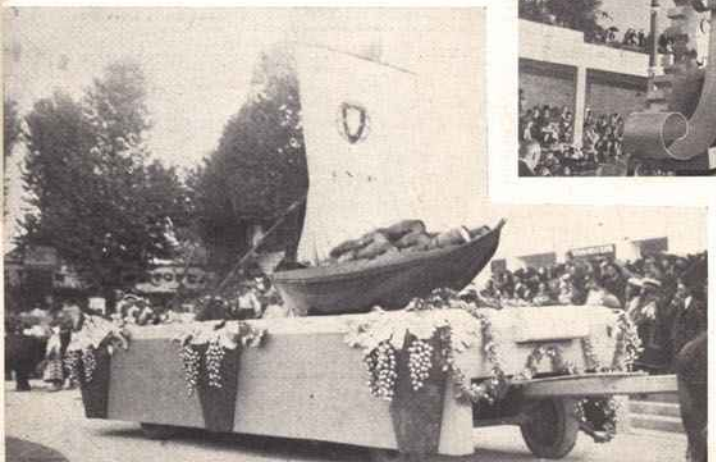
O carro era tirado por quatro juntas de bois, enfeitados com fôlhas de era, figurando no primeiro plano o actor Delmírio Rego que representava Gil Eanes e ladeando-o, a pé, dois pilotos e tresce mareantes do século XV.

O CARRO DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

O interesse do Instituto do Vinho do Porto por esta Exposição está de sobejo justificado pela necessidade da expansão deste vinho, cuja defesa e propaganda lhe incumbem, nas nossas Colónias que ainda hoje consomem uma percentagem mínima da sua exportação, o que ataca de se verificar nas bem elaboradas estatísticas expostas no stande que instalou na nave do Palácio.

Participou o Instituto no Cortejo Colonial apresentando um suggestivo carro, de elegantes linhas, sobre o qual se erguia um barco rabélo em madeira cuidadosamente envernizada, carregado de pipas, enfiada a sua vela em que se liam as iniciais I. V. P., indicativas deste organismo oficial.

Como motivos decorativos, e à sua volta, oito cestos dourados de que pendiam enormes cachos figurados, de grandes uvas também douradas. Ladeavam a interessante viatura alguns homens do Douro, trajando de branco.



A exposição Colonial Portuguesa encerrou-se com o imponente Cortejo do Império

DEPOIS de quasi quatro meses de ininterrupto êxito encerrou-se a Exposição Colonial Portuguesa que, inconcivelmente, constituiu um assinalado triunfo para a cidade do Porto, de onde partira a iniciativa que, para se tornar realidade custou ingentes esforços, muitos escolhos a transpôr e várias dificuldades a vencer, todavia a sua inabalável persistência conseguiu ao cabo de alguns anos, realçá-la com a solenidade e brilhantismo que todos tiveram o ensejo de verificar.

Esta Exposição não foi obra exclusiva d'êste ou daquele, de uma ou outra colectividade, mas sim dos esforços conjugados de valiosíssimas colaborações que, embora sucintamente, devem ser postas em decido destaque.

Em primeiro lugar, guardando a ordem cronológica, os organismos económicos da capital do Norte que, por intermédio do Movimento Pré-Colonial, encetaram e prosseguiram constantemente a propaganda da sua realização. Seguiu-se-lhe o Poder Central que, através dos Ministérios das Finanças e Colónias, criou condições a encaram com a maior simpatia, proporcionou os

meios indispensáveis para a pôr em execução, a que a cidade correspondeu ainda — caso inédito entre nós — e digno de especial registo — contribuindo com uma verba igual à que o Estado fixava.

A Câmara Municipal do Porto, que desde o início d'êste movimento o acompanhou sempre com o maior carinho, colaborou nesta obra grandiosa com tal efficácia que, sem essa colaboração a Exposição não teria sido possível. A antecipada aquisição do Palácio de Cristal, único recinto de que dispunha a cidade para êsse effeito e o prolongamento da rua Júlio Dinis, facilitando-lhe extraordinariamente o acesso, tiveram como objectivo principal tornar viável esta iniciativa que tanto interessava já o País inteiro.

Os Governos Coloniaes contribuíram também pela forma que todos tiveram ensejo de verificar e finalmente o público, de todas as classes, das mais elevadas ás mais humildes, a grande massa veio cooçar com a sua presença e premiar com os seus applausos êste certame que honrando Portugal veio uma vez mais pôr em especial relevo as excepcionais qualidades de trabalho, intelligência e patriotismo da cidade do Porto.

O CARRO DA INDÚSTRIA

Coubê à Associação Industrial Portuense o encargo de apresentar no Cortejo o carro que representava a Indústria, um dos maiores fortes esteios da vida económica do Norte do País, e fê-lo com tal brilhantismo que marcou bem justamente um lugar de destaque na grande Parada que encerrou a Exposição.

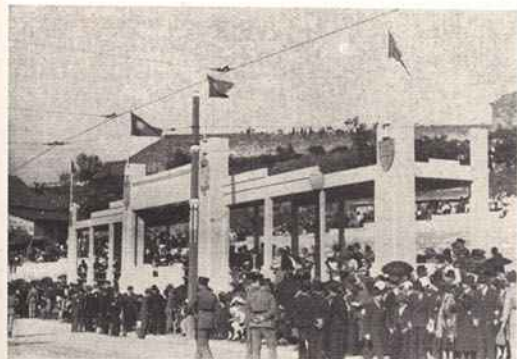
Sobre um soço de tijolo uma quadriga ro-



mana, tirada por dois leões, transporta a imponente figura da Indústria. Correntes, bigornas, rodas dentadas e como produto destas forças conjugadas enormes notas do Banco emissor, de quinhentos mil escudos representando o dinheiro que vai deixando, caminho fóra, a fomentar a riqueza pública. Marchavam a pé, a acompanhá-lo, vários trabalhadores de fatos de macaco, com vários utensílios do seu pesado trabalho. Muito suggestiva e fortemente impressionante a representação da Indústria.

A TRIBUNA OFICIAL

Ao fundo da rua Júlio Dinis, na parte recentemente aberta, fez a Camara levantar a Tribuna Oficial de onde assistiram ao desfile do Cortejo do Império com que se encerrou a Exposição Colonial Portuguesa, o sr. ministro das Colónias, Corpo Diplomático, Vereação Municipal, comandante da Região Militar, Bispo do Porto, autoridades civis e militares, e em frente desta uma



outra destinada às demais individualidades convidadas. Pelas vastas avenidas do longo percurso, perto da sete quilómetros de extensão alinhavam-se os muitos milhares de pessoas que ali acorreram, toda a população válida da cidade e mais de quarenta mil vindas em combóios especiais, automóveis e camionetas de todos os pontos do País e apesar desta excepcional aglomeração o cortejo realisou-se na melhor ordem, sem que se tivesse registado o menor incidente.



O CARRO DO COMÉRCIO

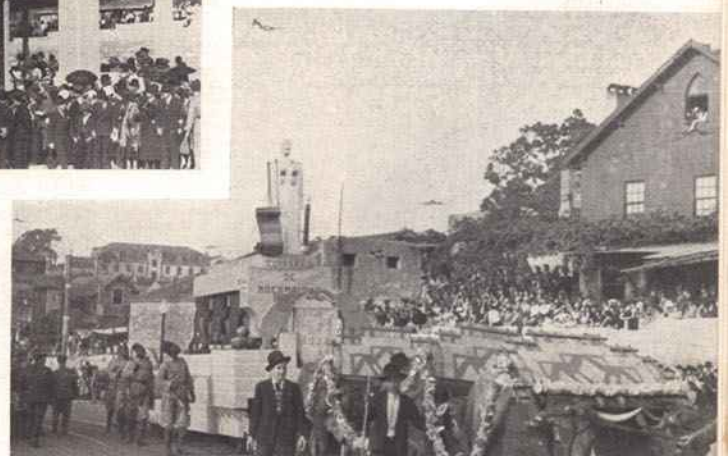
As Associações Comerciais do Porto que sempre acompanharam com a maior dedicação todos os esforços empregados para a realisação nesta cidade da Exposição Colonial e tanto contribuíram para o assinalado êxito alcançado, colaboraram também no cortejo do Império apresentando um carro que, tanto pela sua magnificência como pela feliz concepção que à sua consagração presidiu muito justamente chamou as atenções gerais.

Ao centro, e emergindo de uma saía gigantesca, nada meno, de cinco metros de diâmetro e mais de dois de altura, uma gentil e estilizada figurita de rapariga, e à sua frente o deus Mercúrio, joelhos em terra prestando homenagem ao progressivo comércio nortenho.

O brasão da cidade, portas abertas de par em par, despeja sobre uma esfera terrestre bastantes caixas e barris de vinho, conservas e fardos de tecidos, as principais mercadorias que o Porto exporta. Ladeando o interessante carro oito raparigas, caracteristicamente vestidas, transportavam em açafates também vários artigos de comércio.

O CARRO DA COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

Seguindo o carro da nossa grande Colónia da África Oriental, com a sua lógica seqüência, alinhava o da Companhia de Moçambique, hoje o mais próspero e progressivo organismo colonial sob cuja administração se tem desenvolvido extraordinariamente os vastos e ricos territórios de Manica e Sofala. Esta Companhia que no recinto da Exposição fizera erguer uma instalação modelar que mereceu do Júri, além das primeiras classificações um Grande Prémio extraordinário na classe de conjunto, apresentou-se no Cortejo do Império de forma a conquistar também aqui o mais assinalado êxito. Sobre as ruínas do Império Votou uma Colónia progressiva, modelo de Civilização. Seis negros fortes, espadaudos e musculosos, com os dorsos curvados para a terra, impelem o carro da Indústria que leva erguida, a grande altura, a figura da Civilização. Fazer-lhe guarda de honra os seus aprumados soldados e no coice a gente negra, moçambicana, seguia a pé os carros que representavam a sua terra.



A Exposição Colonial Portuguesa

Alguns expositores a quem foram conferidos os Grandes Prémios



INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

No vasto programa de realizações que incumbem a este organismo oficial que o Estado recentemente criou, mas cujos efeitos começam já a fazer-se sentir, figura a propaganda do vinho no Porto, justamente classificado como o melhor do mundo e que constitui uma das maiores riquezas.

O seu curiosíssimo stand que estava instalado ao fundo da nave lateral de leste do Palácio das Colónias constituiu mais uma afirmação do cuidado dos seus dirigentes em pôr o problema da expansão deste vinho ao alcance de toda a gente. Nas paredes, além de alguns quadros alusivos à viticultura, apreciava-se uma completa colecção de elucidativos gráficos dos quais se destacavam o da exportação total por trimestres, de 1929 a 1933, por pipas e litragem, o da exportação para a França, também em pipas e garrafas.

Ao centro, e sobre uma penha, um característico barco rabêlo, em metal branco, carregado de pipas, de que partiam, da prôa e da popa, vários que iam indicar sobre os mapas assentes na parede do fundo, e iluminados no interior, os portos do estrangeiro, das cinco parte do mundo, importadores deste nosso vinho, os da esquerda, e os que dizem respeito às Colónias portuguesas os da direita, verificando-se que, enquanto as exportações para aqueles atingiram no ano findo 66.840 pipas para estes não foram além de 432.

Apresentava ainda o stand algumas dezenas de garrafas de várias marcas de vinho do Porto das respectivas firmas exportadoras.

O júri de recompensas da Exposição conferiu ao Instituto do Vinho do Porto o Grande Prémio.

VIDAGO, MELGAÇO E PEDRAS SALGADAS

São as três estâncias termas mais justamente afamadas no País não só pelas excepcionais qualidades terapêuticas das suas águas, como ainda pela privilegiada situação que desfrutam como pontos turísticos dos mais interessantes da nossa terra.

Vidago, cognominada a Vichy portuguesa, a qual se avantajava só vários aspectos, é também



tém rival, cá dentro ou no estrangeiro, no tratamento de diabéticos.

A Empresa que nunca falta a feiras e exposições, como o tinha feito em Luanda e Lourenço Marques, mais uma vez afirmou a sua vitalidade instalando neste grandioso certamen o elegante stand que a nossa gravura reproduz.

As águas de Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas que, além das suas características terapêuticas constituem a melhor bebida para uso geral, mereceram o grande Prémio, a mais alta recompensa.

A CORPORACÃO MERCANTIL PORTUGUESA

A Corporação Mercantil Portuguesa, concessionários gerais da Sociedade Portuguesa de



Fibro Cimento apresentou-se na Exposição Colonial num modelo dos edifícios destinados às circumscrições do distrito de Mocimbeque e em que estavam instalados a Estação Telegráfico Postal e Telefónica e o posto de socorros que funcionaram durante a Exposição.

Estiveram patentes neste recinto, em bem cuidada disposição, os tubos laminados de fibro cimento «Lusaitec», produto nacional que tem dado já entre nós sobejas provas da sua grande utilidade.

O consumo destes tubos alargando-se consideravelmente nos mais avançados países do mundo justificou a constituição desta nova Empresa que vem tornar imediatamente realizáveis, pela economia que representa, muitos trabalhos hidráulicos, especialmente o do fornecimento de águas hoje já ao alcance dos mais modestos municípios.

Assim esta Corporação Mercantil Portuguesa veio criar mais uma indústria nacional, contribuindo para o progresso

e desenvolvimento de muitas terras do País e exercer uma salutar influência na nossa vida económica.

A esta instalação conferiu o júri da Exposição dois grandes Prémios um pelos produtos apresentados e o outro pela edificação.

ALFREDO MOREIRA DA SILVA, F.º

Árvores, plantas, frutas e flores que se apresentam, onde quer que sejam, com o nome de Moreira da Silva não carecem já de outra recomendação. As suas repetidas exposições em Lisboa e no Porto têm justificado de sobre o lugar de destaque que esta casa conseguiu alcançar, merecendo de um perseverante trabalho que data de longos anos, de um extremado carinho pela profissão e ainda de uma inteligente orientação que lhe conquistaram o renome de que hoje justifiadamente desfrutam.

O pequeno jardim, estilo oriental, instalado nos terrenos do Palácio de Cristal constituiu, sem favor um dos êxitos da Exposição, com o seu lagozinho que uma minúscula ponte atravessava, um aquário em que andavam autênticos peixes, os arranjos bem delineados, muitas plantas e flores, esnes de porcelana, um conjunto emblema com tanto de original como de artístico.

Junte-se-lhe a Gardénia, o elegante estabelecimento da Rua de Santa Catarina, de que esta firma também faz parte e não podia ser surpresa para ninguém o Grande Prémio que ao primeiro foi conferido e o Diploma de Honra que à segunda coube.

H. VAUTIER & C.ª

Um dos Grandes Prémios foi justamente conferido a esta firma, com sede em Lisboa, rua Vasco da Gama, que possui cinco fábricas, de punas para cordas, mangueiras para serviços de incêndios, correias de couro, aparelhos de moagem, tambores de madeira e manufatura de artigos de borracha industrial.

Tem filiais no Porto, Coimbra, Covilhã, Evora, Odivelas, Funchal e Ponta Delgada e trabalha nas secções de ferro, aço e metal, correias de toda a espécie, única fábrica completa no País, caucho industrial com toda a



qualidade de tubos, chapa de borracha e amianto, artigos para automóveis e material de incêndios, com exclusiva representação da conhecida casa Magirus e material para mo-

A indústria da perfumaria é, como facilmente se compreende, das mais delicadas, que requer os maiores cuidados, uma técnica

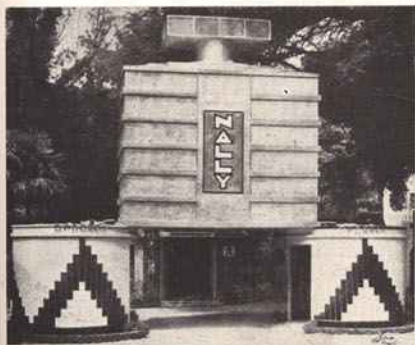


gem, desde o mais simples acessório à mais completa instalação.

Representa ainda, com exclusivo, o conhecido óleo Engloil de que tem espalhados pelo País 200 depositários, constituindo assim a maior organização de óleos de lubrificação entre nós.

A FÁBRICA NALLY

Onde quer que se apresente a conhecida fábrica de perfumes Nally há de marcar sempre



o lugar de destaque que de há muito conquistou entre nós, aliás bem merecido por se tratar de uma indústria nacional que ela têm de tal forma desenvolvido e aperfeiçoado que os seus produtos não recebem já o confronto com os seus congéneres das mais afamadas marcas mundiais.

Este organismo oficial que foi criado para a defesa e propagação dos vinhos verdes, tão apreciados do nosso público e que ainda recentemente mereceram elogiosas referências no grande jornal de Paris, «Le Jour», está desenvolvendo uma grande actividade na expansão do seu consumo que ainda não atingiu o nível a que tem incontestável direito.

Têm sido muitas, de facto, as dificuldades a vencer, os obstáculos a transpor, entre os quais avultam as elevadas tarifas de transportes, os preços elevados da venda directa ao público consumidor, com uma enorme diferença entre o que o lavrador recebe e este paga, mas a acção persistente, constante, desta Comissão de Viticultura começará a resolver este problema que está afectando bem duramente esta região vinícola das mais importantes do País.

A Comissão de Viticultura da região dos Vinhos Verdes se deve já o grande serviço prestado ao consumidor, garantindo-lhe a genuinidade dos vinhos, pois a fiscalização rigorosa, e assim tem de ser, evita que se lancem no mercado os de inferior categoria e que como tal não merecem ser classificados.

A sua instalação na Exposição Colonial mereceu — e bem justamente — o Grande Prémio que o respectivo júri lhe conferiu. Uma pequena mas elegante casa, estilo minhoto as paredes exteriores imitando azulejos com a reprodução de vários aspectos da viticultura e no interior uma cuidada exposição em que figuravam garrafas e garrafas de vinho verde, das mais afamadas propriedades do Entre Douro e Minho e dos mais acreditados viticultores, duas raparigas, com os seus traços característicos faziam, por assim dizer, as honras da casa.

Em resumo: pelo exposto, verificamos que um tal esforço foi compensado, visto que a expansão dos nossos produtos é um facto consolador. Portugal tem energias moças e há-de continuar a patentear-las perante o mundo inteiro, como trabalhador, empreendedor e detentor digno do grande império colonial que herdou dos seus avós.

Devemos, portanto, confiar no futuro.

À Algodoeira Colonial, L.ª de Luanda e à União Industrial Algodoeira de Lourenço Marques, suas afiliadas.

COMISSÃO DE VITICULTURA DA REGIÃO DOS VINHOS DO PORTO

Este organismo oficial que foi criado para a defesa e propagação dos vinhos verdes, tão apreciados do nosso público e que ainda recentemente mereceram elogiosas referências no grande jornal de Paris, «Le Jour», está desenvolvendo uma grande actividade na expansão do seu consumo que ainda não atingiu o nível a que tem incontestável direito.

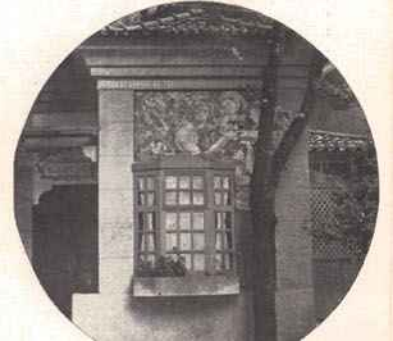
Têm sido muitas, de facto, as dificuldades a vencer, os obstáculos a transpor, entre os quais avultam as elevadas tarifas de transportes, os preços elevados da venda directa ao público consumidor, com uma enorme diferença entre o que o lavrador recebe e este paga, mas a acção persistente, constante, desta Comissão de Viticultura começará a resolver este problema que está afectando bem duramente esta região vinícola das mais importantes do País.

A Comissão de Viticultura da região dos Vinhos Verdes se deve já o grande serviço prestado ao consumidor, garantindo-lhe a genuinidade dos vinhos, pois a fiscalização rigorosa, e assim tem de ser, evita que se lancem no mercado os de inferior categoria e que como tal não merecem ser classificados.

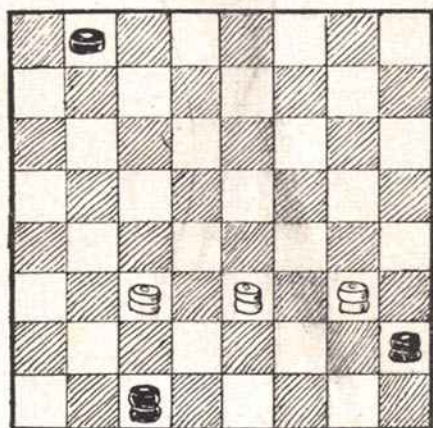
A sua instalação na Exposição Colonial mereceu — e bem justamente — o Grande Prémio que o respectivo júri lhe conferiu. Uma pequena mas elegante casa, estilo minhoto as paredes exteriores imitando azulejos com a reprodução de vários aspectos da viticultura e no interior uma cuidada exposição em que figuravam garrafas e garrafas de vinho verde, das mais afamadas propriedades do Entre Douro e Minho e dos mais acreditados viticultores, duas raparigas, com os seus traços característicos faziam, por assim dizer, as honras da casa.

Em resumo: pelo exposto, verificamos que um tal esforço foi compensado, visto que a expansão dos nossos produtos é um facto consolador. Portugal tem energias moças e há-de continuar a patentear-las perante o mundo inteiro, como trabalhador, empreendedor e detentor digno do grande império colonial que herdou dos seus avós.

Devemos, portanto, confiar no futuro.



Problema de damas



As brancas é que hão-de ganhar. Qual a fórmula de jogar para o conseguir?

Bridge

(Problema)

Espadas — R. 9.
Copas — R.
Oiros — 4.
Paus — A. D.

Espadas — D. V. N Espadas — A. 8.
10.
Copas — — — — — O E Copas — — — — —
Oiros — 2. Oiros — — — — —
Paus — V. 6. S Paus — R., 5, 4, 3.

Espadas — — — — —
Copas — A. D. V.
Oiros — 3.
Paus — 9, 7.

Trunfo é copas. *S* é mão. *N* e *S* devem fazer as vasas tôdas.

(Solução do número anterior)

| O | N | E | S |
|-----------|---------------|-----------|-------------|
| — R oiros | 3 copas | 5 oiros | — 2 oiros — |
| 7 espadas | — A espadas — | 0 espadas | 4 paus |
| 8 espadas | — 2 espadas — | V espadas | 6 copas |
| 9 oiros | 4 copas | 6 oiros | — 3 oiros — |
| 9 espadas | — 3 espadas — | D espadas | 7 copas |
| 10 oiros | 5 copas | 7 oiros | — 4 oiros — |
| 7 paus | — 4 espadas — | R espadas | V copas |

Se *O* recortasse com o Rei de copas, de qualquer maneira que jogasse, *S* tinha sempre asseguradas as vasas de As de oiros, As de paus, As de copas, Dama de copas, 6 de espadas, 5 de espadas e cumpria sem dificuldade. *O* deve, portanto, ceder baldando-se ao 7 de paus.

S joga As de oiros e *N* 2 de paus

S joga As de paus e *N* 3 de paus

S joga 5 de paus e *N* corta com 9 de copas e joga 5 de espadas que *S* corta com Az de copas, jogando 6 de paus que *N* corta com a Damas de copas, cumprindo o meio chelem.

Em Southampton Street (Londres) há um restaurant onde os pratos para serem melhor apreciados, são servidos com música apropriada. Assim, as salchichas alemãs vêm com trechos de Wagner, os *macarroni* ao som de Tarantelas e, provavelmente, o cosido à portuguesa ao som do fado. O que é, porém, mais interessante é a ementa das aves. Se o freguês pede galinha da Índia, tocam-lhe «La pintada» de Ravel; se quer pato a orquestra ataca logo «Los patos» de Chabrier, se prefere galinha de cabidela, ouve por certo «La galina» de Auric, etc.



Humor inglês



O pintor retratista (para o pintor de animais): — Há um ponto em que te invejo, sabes? É que não tens de aturar as observações dos parentes dos teus modelos, que sempre acham defeitos, uns à boca, outros ao nariz, outros aos olhos...

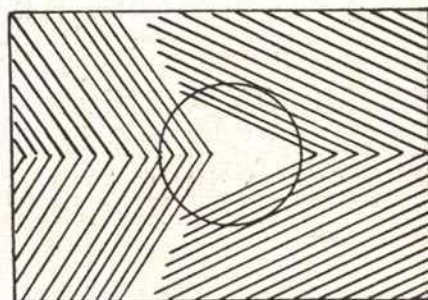
(Do «Punch»).

A origem de um símbolo

No mundo inteiro, todos conhecem a cruz suástica, emblema do nazismo, mas o que nem todos saberão é o motivo por que o actual ditador da Alemanha a terá escolhido para simbolizar o seu partido.

Essas razões foram descobertas recentemente com a verificação de que Adolfo Hitler fez os seus primeiros estudos no mosteiro beneditino de Laibach, na Áustria, sua terra natal. Esse mosteiro, reconstruído em 1859, tinha, então, como abade, frei Teodórico von Hagen, em cujas armas figurava a mencionada cruz. Foi, provavelmente, a lembrança da forma original dessa cruz e a reminiscência dos seus tempos de colegial que inspiraram Hitler na sua escolha

Três ilusões de óptica numa só



Em primeiro lugar, o círculo do centro é um círculo perfeito, embora pareça torto.

Olhando novamente para o desenho parece que o lado esquerdo é mais largo que o direito. Na realidade, ambos os lados são iguais.

Tornando a olhar, dir-se-à que o lado direito está ligeiramente arqueado para fóra; é, na verdade, perfeitamente direito.

Qual o fio mais comprido?

(Solução)

O fio mais comprido é o inferior da esquerda.

Xadrez

(Solução)

Lance inicial: C — 5 B R.

Se P: R x T Mate por 2: B x P +
— B joga — C — 3 R + +
— C (3 T) joga — T x P +
— C (8 D) joga — C — 3 R +
— P (3 R) joga — D — 7 B R +
— P x T — C — 7 R +
— P x P — T — 4 D +

O director duma revista pecuária espanhola recebeu um dia uma consulta de um subscritor rústico, que lhe dizia:

«Tenho uma mula que, por temporadas, está sã e bôa e faz todo o seu trabalho normal; mas noutras temporadas põe-se tão coxa que não me serve para nada, apesar de ter que a alimentar. Que devo fazer? — X.»

O director da revista respondeu assim à consulta:

«Na próxima vez que apareça normal, venda-a.»

Passatempo botânico



O desenho junto representa uma variedade de folhagens bastante conhecidas.

Trata-se de um pequeno exercício de botânica, pois queremos que nos digam a que frutos pertencem essas várias espécies de folhagem.



SUCESSO INSTANTANEO

LUXO — COMODIDADE — VELOCIDADE

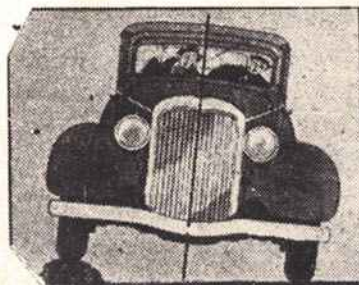
BUICK utilizou todos os sãos princípios da aerodinâmica para criar um carro duma elegância impressionante — um carro moderno; porém, sem modernismos exagerados e destoantes ... um automóvel aristocrático. — Tal é a estética do **BUICK 1935** — A mais pura e mais em harmonia com a suntuosidade das suas linhas

UM NOVO BUICK 1935

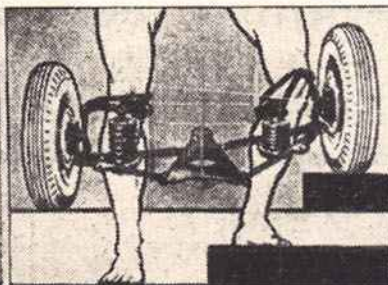
CARACTERISTICAS

Consumo mínimo aos 100 k. — 11 litros
Consumo médio aos 100 k. — 15 litros
Velocidade em recta — 136 k. — à hora
Velocidade em segunda — 88 k. — à hora
Aceleração: 16 a 96 k. hora em 21 seg.
Rotações: 3.100 por minuto

FORMIDÁVEL ÉXITO DA "ACÇÃO ROTULAR"



O automóvel vulgar topa no caminho com uma saliência e todo êle se inclina.



O homem ultrapassa o obstáculo sem a perda do equilíbrio, graças ás suas rótulas.



O mesmo efeito produzem as rodas dianteiras dos novos modelos BUICK 1935.

DINIZ M. D'ALMEIDA
Avenida da Liberdade, 214-218
LISBOA

— CONCESSIONARIOS —

CUNHAS & ALMEIDA, L.da
Avenida dos Aliados, 71-81
PORTO

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTÁVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por **Edmundo de Amicis**, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por **Edmundo de Amicis**, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de **MARCELINO MESQUITA**

3 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

por **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O JÔGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio á cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral, reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências,
das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, **NUM ÚNICO VOLUME**, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, Rua Garrett, 73 — Lisboa



AO ACORDAR

QUANDO se levanta está V. Ex.^a alegre ou triste? Tem disposição para passar um dia feliz depois de uma noite de sono socegado, ou tem os seus nervos exaustos devido às horas de insónia durante uma noite?

Para assegurar um sono tranquilo, tome sempre, antes de se deitar uma chavena da deliciosa "Ovomaltine"

Não ha nada melhor, alimento mais completo para lhe permitir um sono reparador, dando-lhe a necessaria energia aos seus nervos, e conservando-lhe a sua boa disposição.

OVOMALTINE

é a saúde

DR. A. WANDER, S. A. — BERNE

A venda em latas de 110, 250 e 500 gr., respectivamente aos preços de Esc. 9550, 18500 e 34500

Un'cos concessionarios para Portugal
ALVES & C.^a (IRMAOS)
Rua dos Correios, 41, 2.^o — LISBOA

